

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

ANGELA DE CAMPOS MACHADO VESSONI CALDERAZZO

Música aos corações
Um *tourbillon social* nas óperas de Jean-Jacques
Rousseau

**Traduções de libretos de óperas
Rousseau, Voltaire e Rameau**

**São Paulo
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SUMÁRIO

I A DESCOBERTA DO NOVO MUNDO	2
II AS MUSAS GALANTES	34
III PYGMALION	66
IV O TEMPLO DA GLÓRIA	75
V AS ÍNDIAS GALANTES	103

ROUSSEAU, Jean-Jacques. La decouverte du nouveau monde. IN: **Oeuvres Completes**
Tome II. . Direção de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond França. Dijon: Bibliothèque de
la Pléiade. S/d. pp. 815-841.

A DESCOBERTA DO NOVO MUNDO

Drama alegórico em 3 atos

Personagens do Prólogo

A Europa

A França

Minerva

O destino

Um francês

Uma francesa

Povos franceses

Personagens da Tragédia

O CACIQUE da Ilha de GUANAHAN, conquistador de uma parte das Antilhas

DIGIZÉ, esposa do Cacique

CARIME, Amante rejeitada pelo Cacique

COLOMBO, Chefe da frota Espanhola

ALVAR, oficial da mesma frota

O GRANDE PADRE

NOZIME, oficial do cacique

UMA ESPANHOLA

UM AMERICANO

SACERDOTES AMERICANOS, POVOS AMERICANOS

ESPAÑHÓIS E ESPAÑHOLAS

A cena se passa na Ilha de Guanahan

A DESCOBERTA DO NOVO MUNDO

Tragédia

PRÓLOGO

O teatro representa as avenidas do Palácio da Glória cuja fachada aparece no fundo.

CENA I

A EUROPA

Palácio da Glória imortal

Morada dos heróis e dos Deuses

Eu venho fixar nesses belos lugares

Minha morada eterna.

Nada mais separa mais a glória que me segue;

Hoje, as duas irmãs iguais e ciumentas

A faísca dissipou-se numa noite pavorosa:

A Europa viu cair seus soberbos rivais.

E seu brilho (deles) foi apagado, seu poder foi destruído

Palácio da Glória imortal ...

Que infelicidade! Minha felicidade não está completa

Por esta glória tão brilhante

Contra meus inimigos, em vão, seu ilustre argumento

Por meus filhos é perturbado

Embriaguei de um veneno, soprado pela Discórdia

Os cruéis dentro do meu seio querem se despedaçar

Deuses! Será desta forma que o destino está de acordo

Quais os bens que ele me faz esperar?

(ouve-se uma sinfonia harmoniosa)

Mas quem anuncia esses sons ?...Que luz clara, nova brilha por todas as partes na morada
dos Deuses!

O que eu vejo!...O que...A França ... Ah! Minha filha ... é ela:
Minerva e o Destino conduzem-na a seus lugares.

CENA II

O Destino e Minerva descem de uma carruagem; A França aparece no meio deles

MINERVA E O DESTINO

Tuas vozes são ouvidas. Não chores mais;
Você vai ver suceder a paz ao barulho das armas
Marte pretende em vão prolongar a tua infelicidade
Tua filha (Eles apresentam a França a ele) se preocupará em reunir suas fúrias.

A EUROPA

Não me agradas com uma esperança temerária?
A França tantas vezes fez escorrer minhas lágrimas

MINERVA

A França, ao teu repouso, jamais foi contrária
E quando seus inimigos vencidos nas centenas de combates
Sofriam de sua justa cólera
Seu coração chorava o sangue que escorria de seu braço.

França, expandas teus bons feitos sobre a terra e sobre as ondas
Aprenda com o Universo por teus cuidados generosos
Que o universo é menos glorioso de conquistar o mundo
Como ele é tão para torná-lo feliz.

É o bastante, doravante, brilhar pela vitória
Brilhe povo charmoso nos combates mais doces:
As artes e os prazeres vos oferecem uma glória
Que nada vos divida.

O DESTINO

Gozai em paz dos favores que o céu lhe prepara
Tua sorte foi entregue nas suas mãos (mostrando a França)
Se resta em seus ares qualquer povo bárbaro (os corsos)
Ela irá domá-lo e com um cuidado mais raro
Levar seus doces costumes nos corações desumanos
Seus cuidados aos teus desejos propícios
Vão devolver tua felicidade seguramente
Ela anda sobre os auspícios
Da sabedoria e do destino
(O destino e Minerva sobem para o céu)

A EUROPA

Venha minha filha!...Oh doçura extrema!
Que minha sorte é a felicidade!

A FRANÇA

Vossa felicidade sempre foi o objeto dos meus desejos

A EUROPA

Deuses! Que todos os meus filhos não pensem o mesmo

JUNTOS

Este dia vai terminar com os { meus infortúnios
{ seus

Pelas ligações, as mais queridas nós estamos uma e outra

A EUROPA: E vós estendai os bons feitos, esses doces laços dos corações

A França: E estendai o desejo de acalmar vossas dores

Ataque

Minha felicidade para a vossa

Ataquem

A FRANÇA

Vós que um feliz destino reuniu sob minhas leis

Venha nação francesa; que uma amável alegria

Excite aqui vossas danças e vossas vozes.

Por vossos divertimentos atraentes, a Europa se interessa

Justifica, vós a sua escolha (da Europa)

Mas não se mostre sob essas formas terríveis

Que fazem tremer com tanta frequência

Quando as suas crianças unidas para me oprimir

Caem sob os próprios golpes invencíveis.

De um mais doce de seus instrumento, emprestado os ornamentos

Mostrai vos tal como ao lado das Belas.

Vós seduzirei as mais cruéis

Quando os heróis da guerra se transformarem ali em ternos amantes.

CENA III

A EUROPA, A FRANÇA, POVOS FRANCESES

Os franceses e as francesas formam uma dança característica que expressam a galanteria e a leveza desta nação. Após o que um francês canta a ária seguinte.

UM FRANCÊS

Consigas tanto de Mirthes, belos campos de louros
E consigamos

Que de loureiros os campos de marte

(Dança-se)

A EUROPA

Eu vejo brilhar vossos divertimentos com reconhecimento

A FRANÇA ,

para seus súditos

Para os tornar mais perfeitos

Apresentamos a eles

os mais nobres objetos

Devolvemo-los se ele pode se dignar de sua presença.

(Para a Europa)

Vossos filhos, outrora, de um belo zelo animais
Aos ares estrangeiros, estendendo vosso império
Economizai os males que vosso coração suspira.

Retiremo-lhes esses tempos tão conhecidos

Onde conquistadores de um novo mundo

Vencedores da Terra e da onda,

Pela a primeira vez ao final do Universo

Portam vossas espadas.

Mas vamos a esses lugares chamar a memória

Do triunfo tão bom

É o palácio da Glória

Que é preciso celebrar os heróis.

(A Europa e a França entram no Palácio da Glória enquanto o coro canta)

CORO

Dure para sempre
As amarras que vos une
Reinem sempre juntos
Vivam em paz

1º ATO

O primeiro ato representa a floresta sagrada onde os povos da ilha de Guanahan vinham adorar os seus Deuses; Vê-se alguns bustos de Ídolos sobre os troncos das árvores grosseiramente talhadas.

CENA I

O CACIQUE, CARIME.

O CACIQUE

Que fazes Carime sozinha com os cálices sagrados!

CARIME

E que outra que no vós deveis saber melhor?
Com os meus tormentos secretos eu aborreço os Deuses
Eu choro meus males. Vós me fizestes um crime ?
Pensas disso um crime?

O CACIQUE

Longe de lhe condenar, eu honro a virtude
Que vos fez perto dos deuses, para procurar a confiança

Que o medo venha excluir do meu povo abatido
Cem presságios terríveis tumultuando nossa segurança
Parecendo do céu anunciar a cólera
Se nossos crimes puderam merecer sua vingança
Vossas vontades se afastarão de nós
Em favor de vossa inocência

CARIME

Que fruto vós esperastes desses desvios humilhantes (vergonhosos)?
Cruel! Vós insultastes a minha sorte deplorável:
Ah! Se o amor me torna culpada
Caberá a você me condenar meus amores?

O CACIQUE

O que, vós falastes do amor nestes momentos de alarme
O amor aquece os corações, entorpece o medo?

CARIME

Vós me desprezastes, fazendo correr minhas lágrimas
Há ainda os males desacreditados por mim?
Quando o amor é extremo
Receia-se de outra desgraça.
Qual a indiferença
Deste que se ama?
Se Dizigé vos louva com seu ardor
Ele responde-vos da mesma forma.

O CACIQUE

Dizigé me pertence por vínculos eternos
Dividindo meus fogos, ela complementa meu reinado
E quando nós confirmamos nossos juramentos mútuos

O amor o justifica e o dever o ordena.

CARIME

O amor e o dever se harmonizam raramente
No dia a dia, somente eles reinam em uma alma

O amor forma um compromisso

E o dever, sendo a chama

É a união para os atrativos tão charmosos,

Intensificai vós comigo os doces compromissos

Meu coração consente a essa partilha

É uma prática estabelecida entre nós.

O CACIQUE

O que vós me propusestes, Carime, qual linguagem (fala)!

CARIME

Tu te ofendes, cruel, de uma linguagem tão doce.

Meu amor e minhas lágrimas excitam tua cólera

Feliz Dizigé, a qual recita das minhas lágrimas

Você vai triunfar neste dia!

Ah! Se teus olhos tivessem mais charmes,

Teu coração teria tanto amor?

O CACIQUE

Cessai os inúteis desgostos, vossa queixa é injusta,

Aqui, neste lugar, vossas lágrimas magoam meus olhos.

Carime, como você pode ver neste asilo majestoso

Meu coração tem seus segredos para revelar aos Deuses.

CARIME

O que bárbaro! Ao desprezo você une enfim outro desacato,

Vás, tu não entenderás mais dos inúteis suspiros.
Ao meu amor traído, tu preferes minha raiva:
Será necessário te servir ao agrado dos teus desejos.

(Ela sai)

O CACIQUE

Que sua sorte seja lamentar!
Mas suas fúrias não obterão nada
Num coração feito como o meu,
Que suas lágrimas estejam muito além do respeito.

Cena II

O CACIQUE, sozinho.

Lugar terrível, lugar enlouquecido
Morada dos deuses deste Império
Manifestai nestes corações vosso poder sagrado.
Deuses, acalmai um povo desencaminhado,
De seus sentidos assustai, dissipai o delírio:
Ou se vosso poder, enfim, não pode satisfazer,
Não usurpai um nome inutilmente adorado.

Eu me o escondo em vão, eu mesmo, eu estremeço,
Uma sombra terrível me agita malgrado eu:
Cacique infeliz, tua virtude te abandona,
Pela primeira vez tua coragem se surpreende
O receio e o terror se fazem sentir para ti!

Mas qual é o sujeito desses medos frívolos?
Os vãos pressentimentos de um povo espantado?
Os bramidos dos Ídolos?

Ou o aspecto terrível de um astro ensangüentado?
Ah! Eu não estive por tantas vezes acorrentado à Vitória,
Tantos vencidos rivais, tanto obtiveram a glória,
Que para perdê-la, enfim, pelos tão fracos golpes?
Glória frívola! Eh, sobre o que calculam-nos?

Mas eu vejo Digizé; caro objeto de minha chama,
Terna esposa, melhor que os deuses
A luz de teus bons olhos
Reanimará a minha alma

CENA III

DIZIGÉ, O CACIQUE

DIZIGÉ

Senhor, vossos loucos súditos
Tomados de pavor, de terror, cedem aos seus alarmes
E entre tantos gritos, suspiros e lágrimas
É por vós que eles mais temem .

Não atendamos aos efeitos do golpe que os incomoda,
Fujamos, salvemos vossos dias
Ao menor temor, infelicidade! Que ameaça o seu curso
Traga ao meu coração uma morte verdadeira
Fujamos ...

O CACIQUE

Eu, fugir! Seu Cacique! Seu Rei!
Seu pai enfim! Tu esperas isto de mim
É sobre o vão terror que teu espírito se fere?
Ah! Dizigé o que você me propõe?

Um coração carregado por uma fraqueza
Conservas sua ternura
Abandonando sua virtude?
Dizigé, eu estimo o que nos une
Eu adoro os teus encantos, eles tem poder sobre mim,
Mas meu povo, me é tão querido ainda quanto você (d)
E a virtude mais do que todos os dois juntos.

CENA IV

O CACIQUE, DIZIGÉ, NOZIME (a)

NOZIME

Por vossa ordem, senhor, os padres reunidos
Vão logo nos seus lugares celebrar o mistério

O CACIQUE

E os povos?

NOZIME

Sempre igualmente perturbados.
Todos bramam uma narração de um mal imaginário
Eles dizem que nestes lugares, os Filhos do Sol
Devem logo descer do luxuoso aparelho
Todos tremem só de ouvir a glória, o nome e a reputação destes homens terríveis

Libertar da morte, dos golpes inacessíveis
Devem todos dominar o seu poder fatal.
Muitos orgulhosos de serem imortais, com um orgulho sem igual
Reis fazem seus súditos e dos povos, seus escravos
Suas narrativas(d) assustadoras espantam os mais corajosos.
Eu tenho em vão procurado os autores insensatos

Desses barulhos...

O CACIQUE

Deixe-nos, Nozime, é o bastante.

DIZIGÉ

Grandes Deuses! O que produzirá este terror público,
Qual será teu destino, infelizmente Cacique?
Infelicidade! Somente esta dúvida terrível cai sobre mim ?

O CACIQUE

Meu destino está decidido; Eu estou apaixonado por você.
Poderes divinos, Deuses enciumados de minha felicidade suprema,
Orgulhosos filhos do céu que auxiliam os projetos
Armem com a vossa vontade, a terra, o mesmo inferno
Eu posso enfrentar os raios e vossas flechas (e)

Manifestai contra mim vossa injusta vingança,
Eu reduzo um pouco os efeitos
Dizigé , somente em seu poder
Tem minha felicidade e meu êxito
Deuses poderosos etc.

DIZIGÉ

Onde vós arrebatastes um excesso de ternura!
Ah! Não encolerizemos mais os Deuses
Quanto mais se quer enfrentar os Céus,
Mais se sente a pura fraqueza.

Céu protetor da inocência
Afastai de nós os perigos, dissipai nosso temor.
Eh! As Crenças humanas tomarão a defesa

Se eles não ousarem te esperar(a)?

O CACIQUE

Querida esposa, suspenda as inúteis inquietações
Mais que os vãs desgraças, teus choros vão me custar;
Eu tenho, quando você derrama essas lágrimas,
Um mal maior a temer?

Eu escuto repercutir os instrumentos sagrados
Os padres vão aparecer
Guardai-vos de deixar conhecer
A perturbação à qual vos entregais.

CENA V

O CACIQUE, DIZIGÉ, O GRANDE PADRE, OS PADRES E OS POVOS

O GRANDE PADRE

Esta é a morada dos nossos Deuses formidáveis
Eles trazem neste lugar suas prisões temíveis
Que a sua presença nos imprima um santo respeito
Todos devemos estremecer diante disto.

O CACIQUE

Padres sagrados dos Deuses que protegem estas Ilhas
Implorai o socorro para o meu povo e para mim.
Consiga com que eles acabem com o pavor
Que vai se abater neste tranqüilos lugares.

Os presságios terríveis
Se espalham experimentando

Todos os gemidos na espera
De muitos males rigorosos

Por vossos acentos Terríveis
Evocai os destinos (a)
Se os nossos são mais evidentes
Eles serão menos sensíveis.

CORO

Pai do mundo e dos dias
Estejai atento às nossas súplicas;
Sol, suspenda teu curso
Para iluminar nossos mistérios

O GRANDE PADRE

Deuses velam por este Império
Manifestai vossos cuidados, sejam nossos protetores.
Eliminai os vãos terrores;
Um só sinal pode suprir;
O vil terror que pode afligir os corações
que vossa confiança inspira?

CORO

Pai do mundo e dos dias
Estejai atento às nossas súplicas;
Sol, suspendei teu curso
Para iluminar nossos mistérios

O GRANDE PADRE

Conservai-vos ao seu povo um príncipe generoso.
Que de vosso poder digno depositário

Ele seja feliz como os Deuses
Uma vez que ele preenche o seu mistério
E que ele é benfeitor como eles.

CORO

Pai do mundo e dos dias (b)
Esteja atento às nossas súplicas;
Sol, suspenda teu curso
Para iluminar nossos mistérios

O GRANDE PADRE

É bastante, que se faça silêncio.
Com nossos ritos sagrados manifestamos o poder:
Que vossos sublimes sons, vossos passos misteriosos
Do futuro subtraído aos mortais curiosos
Dentro do meu coração inspirado portam o conhecimento.
(dança-se)(b)

Mas a fúria divina agita meus espíritos
Meus sentidos estão surpresos, meus olhares deslumbrados;
A natureza sucumbe aos esforços reunidos
Desses abalos terríveis...

Não, os novos sentimentos reforçam meus sentidos:
Meus olhos com esforço atravessam a noite a noite dos temores
Escutai do destino os decretos inflexíveis.

Cacique infortunado,
Tuas proezas estão desonradas, teu reino está terminado;
Neste dia, forças cessarão teu poder
Teus povos dominados sobre um jugo odioso

Vão perder para sempre os mais caros favores dos Céus.

Sua liberdade, sua inocência

Orgulhosos filhos do sol, vossos triunfos sobre nós

Vossas artes sobre nossas virtudes, vos dão a vitória:

Mas quando nós caímos diante de vossos golpes,

Temestes pagar caro nossos males e vossa glória

As nuvens confusas nascem ocultas por todas as partes,

Os séculos são ocultos aos meus fracos olhares

O CACIQUE

Da vossa arte enganosa cessai os vãos prestígios

(Os padres se retiram)

CORO, atrás do Teatro

Céu! Oh Céu aqueles novos prodígios!

E aqueles monstros aparecem sobre as águas ?

DIZIGÉ

Deuses! Aqueles são os novos prodígios!

CORO, atrás do Teatro

Céu! Oh Céu aqueles novos prodígios!

E aqueles monstros aparecem sobre as águas ?

O CACIQUE

O pavor perturba os olhos deste povo tímido

Vamos acalmar seus sentimentos

DIZIGÉ

Senhor para onde vós correstes! Aquela vã esperança vos guia,

Contra a sentença dos Deuses que vós podeis tentar?
Mas ele não entende mais, ele foge. Destino severo!
Ah! Não posso ao menos, dentro da minha dor amarga
Salvar um desses dias ao preço de milhares de mortes.

ATO II

O teatro representa uma margem entrecortada de arvores e de rochas;
Vê-se no fundo o desembarque da frota espanhola que é feita ao som dos Tímbales e de
Trombetas.

CENA I

COLOMBO, ALVAR, ESPAÑHÓIS E ESPAÑHOLAS DA FROTA

CORO

Triunfamos, triunfamos sobre a onda,
Daremos as leis ao Universo.
Nossa audácia nesse dia de descoberta (d) de um novo mundo.
Está feita para levar nossas armas.

COLOMBO,

O estandarte de Castella em uma mão e a espada nua na outra

Lugares que para nossos olhos se enriquecem com a natureza
Ignorais os humanos, bastante simples dos céus
Percais a liberdade (ele finca o estandarte na terra); mas portais sem murmúrio
Um jogo ainda mais precioso.

Queridos companheiros, outrora o Argonauta tímido
Eterniza seu nome nos campos de Colchos:
Às margens de Gadés o impetuoso Alcide

Limitou seu curso e seus trabalhos;
Uma arte audaciosa para nós servindo de guia
Em um imenso oceano nós apresentamos as frotas:
Mas quem celebrará nossa trupe (bando) intrépida
Que se iguala a todos os heróis?

Celebrai o grande dia da eterna memória,
Entrais pelo prazeres do caminho da glória:
Que vossos jogos encantadores brilhem por todas as partes:
Desse povo selvagem, maravilhem os olhares.

CORO

Que vossos jogos encantadores brilhem por todas as partes:
Torne maravilhados os olhares desse povo selvagem. (Todos dançam)

ALVAR

Orgulhosa Ibéria, estenda por toda parte tuas leis
Sobre toda a natureza exerça teu império
Pelo combate pelos teus brilhantes feitos
Um mundo inteiro não pôde ser suficiente.

Mestres dos elementos, Heróis nos combates,
Produzamos nesses lugares, o terror, a devastação:

O céu fez nossa partilha
Quando ele tomou inicialmente esses lugares
Como acessíveis à nossa coragem.
Orgulhosa Ibéria etc (Dança-se)

UMA ESPANHOLA

Queirai conquistadores terríveis
Fostes preencher grandes destinos:

Com as armas mais amáveis
Nossos triunfos mais certos

Que aqui de uma glória imortal
Cada um se coroe ao seu turno:
Guerreiros, vós representastes o Império de Isabel,
Nós representamos o Império do Amor

Queirai conquistadores etc
(Dança-se)

ALVAR E A ESPANHOLA

Jovens bonitos, guerreiros terríveis,
Uni-vos, apresentem o Universo.
Se algum se esquiva dos golpes invencíveis
Pelos bons olhos, que sejam postos nas espadas.

COLOMBO

É suficiente expressar nossa alegria extrema.
Nós devemos nossos momentos aos mais bonitos transportes.
Vamos até os habitantes que vivem nestes bordos
De seu novo destino levar a prisão suprema.

Alvar, de nossas embarcações não vos afasteis.
Nestes desvios, escondi e dispersai vossos soldados;
Em poucos instantes eu retornarei (c)
Vá, se nós temos de nos entregar aos combates,
Isto será bom para iluminar vossos braços.

CORO

Triunfamos, triunfamos sobre a onda,

Daremos as leis ao Universo.
Nossa audácia nesse dia de descoberta (d) de um novo mundo.
Está feita para levar nossas armas (d).

CENA II

CARIME

Sentimentos de minha raiva, amor, razão funesta,
Tiranos da razão, para onde vós guiastes meus passos?
É bastante dilacerar meu coração por vossos combates:
Apagais lá ao menos um fogo que eu detesto
Pelas minhas lágrimas, ou pelo minha morte.

Mas eu ainda espero em vão, aquele ingrato reino
Seus insultos cruéis não puderam me libertar
Eu reconheço todos os dias, Oh! infelicidade, que eu adoro
Pelo meu ardor a me vingar disto
Sentimentos etc

Mas de que servem estas lágrimas!...que ela própria chora!
É a morada dos filhos do Sol:
Aí está o encontro deles com a soberba máquina ...
O que eu venho fazer, infelicidade! No meu furor extremo?
Eu venho livrar aquele que eu amo
Para o livrar do que eu odeio! ...

Ousas esperar, infiel Carime?
Os filhos do céu são feitos para o crime?
Eles detestarão minha perversidade ...

Mas se eles tivessem amado!... Se eles tivessem os corações sensíveis...

Ah! Sem dúvida eles assim o seriam se eles reconhecessem a luz;
O Céu pode formar os corações inacessíveis
Aos tormentos do amor?

CENA III

ALVAR, CARIME

ALVAR

O que eu vejo! Que claridade! Céu! Como tanto charme
Se encontra nestes desertos?
De que servirão o valor e as armas?
Para nós que aqui trazemos as espadas.

CARIME,

em ação de adoração

Perdoai a minha ignorância(a)...
Das homenagens que se deve...

ALVAR

contendo-se

Eles seriam supérfluos
Onde brilha vossa presença,
É somente a vós que isto se deve

CARIME

O que, portanto, vós recusastes, senhor, o que vós adorastes?
Vocês não são Deuses?

ALVAR

Somente se deve adorar como vossos belos olhos.

Eu julgo que os fogos divinos sabem fazer desabrochar (c).

Mas dignais de instruir-me à minha volta

Meu coração no seu lugar selvagem

Deve vos admirar a obra

Da natureza ou do amor?

CARIME

Vós seduzistes o meu coração por uma tão suave linguagem .

Não me preserveis disto nesta estada

ALVAR

O amor quer por meus cuidados recuperar nesse dia (luz)

Os que aqui vos atraíram, tem desvantagem

Estes tristes lugares(e) não são feitos para vós:

Dignai me seguir para lugares (f) mais doces.

Com tantos encantos em partilha,

A indiferença é um ultraje

Que vós não mais temereis.

CARIME

Eu farei mais ainda, eu quero que esta ilha

Antes do fim do dia reconheça vossas leis

Os povos apavorados irão de asilo em asilo

Procurar a segurança no fundo dos bosques

O Cacique nessas obscuras retiradas

Terá abdicado de seus bens mais queridos (a)

As reféns tão queridas ...

ALVAR

Pensai vós neste preço
Que nossos corações pagarão pela vitória?
Nosso valor é suficiente para nosso ataque.
Vossos cuidados não serviriam para conter nossa glória
Sem o melhor seguro

CARIME

Assim, toda recusa à minha justa cólera.

ALVAR

Céu justo! Vós chorastes! Eu teria poder sobre vosso desgosto?
Falai o que é preciso?

CARIME

Eu preciso me vingar.

ALVAR

Indigna mortal puderam vos ultrajar?
De nome ao audaz

CARIME

O Cacique ele mesmo nas obscuras retiradas
Teria abdicado seus bens mais queridos (a)
As reféns tão queridas ...

ALVAR

Ele morrerá, está traçado o seu destino.
Tuas aptidões são permitidas para punir uma ofensa.
Para percorrer até a glória não há somente um caminho,

Ele é a vingança
É preciso vingar suas lágrimas e vossos encantos:
Mas meu zeloso solícito não é senhor;
Nosso chefe em seus lugares deve logo aparecer
Eu vou preparar tudo para seguir vossos passos

JUNTOS

Vingança, amor, uni-vos.
Levai toda a devastação
Quando vos animeis de coragem,
Nada resiste a vossos golpes

ALVAR

A cólera é mais ardente
Quando este que ama é ultrajado.

CARIME

Quando o amor se transforma em ódio
A raiva é cem vezes mais poderosa.

JUNTOS

Vingança, amor uni-vos.
Levai toda a devastação
Quando vos animais de coragem,
Nada resiste a vossos golpes

FIM DO 2º ATO

ATO III

O teatro representa os aposentos do Cacique

CENA I

DIZIGÉ

Suplício dos ternos corações, terrores, temor fatal
Tristes pressentimentos, eis vós portanto completos!
Funesta traição de uma indigna rival,
Negros crimes do amor, continuastes impunes?
Infelicidade! No meu tímido temor
Eu não imaginava, querido e fiel marido
Que daquela mão pérfida
viriam os tão tristes golpes (c)

Eu conheço por demais teu coração, a sorte que nos separa
Terminará teus dias,
E eu somente esperarei que uma mão menos bárbara
Que as minhas venham acalmar o caminho.

Suplício etc.

Cacique receoso, quando essa margem venturosa
Ressoa por toda a parte os teus feitos gloriosos
Quem diria que te veria, tua esposa, cativo
No palácio dos seus antepassados?

CENA II

CARIME, DIZIGÉ

DIZIGÉ

Vós viestes insultar minha sorte deplorável?

CARIME

Eu venho compartilhar de teus aborrecimentos

DIZIGÉ

Vossa falsa piedade me incomoda
Mais do que o estado em que me encontro

CARIME

Eu não conheço a arte de fingir
Com lamento eu vejo correr vossas lágrimas.
Meu desespero causou vossos males,
Mas meu coração começa a ter pena de você
Sem poder curar vossa dor.

Renunciemos à violência.
Quando o coração se crê ofendido
A mágoa puniu a ofensa
Que sintam-se menos o prazer que proporciona a vingança
Do que o arrependimento de estar vingado

COLOMBO

Então assim, a sua prisão ditou-se por ti mesma

CARIME

Acalmai vossa cólera extrema;
Atribuí vós, aos remorsos dispostos a me dilacerar
dois ternos amantes: a vida e a Coroa
Fiz seus males, eu quero os reparar;
Ou, se vosso rigor me ordena,
Com eles eu quero expirar.

COLOMBO

Que se digne ele recorrer à rápida oração!

O CACIQUE

Vaidosamente seu orgulho o espera

E nunca os meus semelhantes não pediram aos Deuses (Eles sempre pediram aos deuses)

CARIME, à Alvar

Obtenhai estas benesses, se eu agrado aos vossos olhos.

ALVAR, CARIME, DIZIGÉ

Perdoais doces esposos, doces amantes muito sensíveis.

Todo o crime está no seu amor

Ah! Se vós amais um dia,

Quereis à vossa volta

Provar corações inflexíveis?

CARIME

Vos não o encontrastes?

COLOMBO

Vá, Eu estou vencido.

Cacique infeliz, suba ao teu trono

(Rende as armas ao Cacique).

Receba minha amizade, é um bem que te é devido:

Eu cedo quando eu te perdôo

Menos às tuas lágrimas do que à tua virtude.

(A Carime)

Para esses tristes lugares a vossa não nasceu.

Sensível aos fogos de Alvar dignais os Coroar.

Venhais mostrar o exemplo à Espanha surpreendida

quando ela puder punir e saber perdoar.

O CACIQUE

És tu quem vens dar

Tu me rendes Dizigé! Tu me vencestes por ela;
Tuas armas não puderam domar um coração rebelde
Apresentaste-me submisso para teus benefícios
Seja a partir deste instante, que não terás nunca mais
um amigo mais solícito e um sujeito mais fiel.

COLOMBO

Eu te quero como amigo, seja súdito de Isabel.

Elogia-nos doravante teu brilho reclamado,
Europa; Neste lugar selvagem,
Prova-se tanta coragem,
Encontra-se tanta virtude.

Oh vós que dos dois fins de mundo
O destino reencontrou nesses lugares
Venham, povos diversos, formar os amáveis jogos.
Que em vossos concertos o eco responde.
Encantais os corações e os olhos.

Jamais uma mais digna festa
Não atraiu vossos olhares
Nossos jogos são as crianças e as artes
E o mundo é a conquista.

Apressai, acudai, venhais de todas as partes,
Oh vós que dos dois fins de mundo
O destino reencontrou nesses lugares

Venham, povos diversos, formar os amáveis jogos.

CORO

Acudamos, acudamos, formosos e amáveis jogos.

Que em vossos concertos o eco responde.

Encantemos os corações e os olhos.

(dança-se)

UM AMERICANO

Ele não é um coração selvagem

Para o amor.

E desde que se engajar nesta morada

É sem partilha

Ponto de outros prazeres

Que de doces caminhos.

Nossas únicas penas

São nossos vãos desejos,

Quando os desumanos

Causam nossos suspiros.

(Não é não um coração etc.)

(Dança-se)

UMA ESPANHOLA

Rememos,

Percorramos

As ondas.

Nossos prazeres terão sua vez.

Descobrir

Os novos mundos

È abrir

Os novos Mirthes ao Amor.

Bem longe que Phoebus não estende
Seu caminho,
Muito longe que não se espalha
Sua luz
O amor faz sentir suas chamas
Sol tu fazes sentir nossos dias, o amor nos devolve a felicidade.

Rememos,
Percorramos
As ondas etc.

DIZIGÉ

Triunfe, amor, reine nesses lugares.
Retorno da minha felicidade, doces meios de minha chama
Prazeres encantadores, prazeres dos Deuses,
Derrame pelos longos traços de minha alma,
Derrame, torrentes deliciosas.

Calma tranqüilidade
De uma paixão inocente (a)
Tu não excluís dos corações, a amável volúpia.
Os doces prazeres fazem a felicidade,
Mas és tu quem a traz constante
Triunfa, amor etc.
Dança-se.

CORO

Espalhemos em todo o universo
Os nossos tesouros e a abundância
Unamos por nossa aliança

Dois mundos separados pelo abismo dos mares.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Les Muses Galantes. IN: **Oeuvres Completes Tome II**.
Direção de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond. França. Dijon: Bibliothèque de la
Pléiade. S/d. pp. 1053-1077.

AS MUSAS GALANTES

1745

ADVERTÊNCIA

Esta obra é tão medíocre em seu gênero, e o gênero é tão ruim, que para compreender como tive prazer, é necessário sentir toda a força dos costumes e dos julgamentos. Criado, desde a minha infância, dentro do gosto da música francesa e da espécie de poesia que lhe é própria, eu transformei o barulho em harmonia, a maravilha em interesse, e as canções em ópera.

Trabalhando isto, eu somente sonhei em me dar palavras próprias a manifestar as três características da música em que eu estive ocupado; Neste desenho eu escolhi Hesíodo pelo gênero elevado e forte, Ovídio pela ternura, Anacreon pela alegria. Este planejamento não teria sido ruim se eu tivesse sabido melhor o completar.

Entretanto, qualquer música desta peça não vale quase nada mais do que a poesia, se deixa de encontrar os temas e temas de pedaços plenos de calor e vida.

A obra tem sido executada muitas vezes com bastante sucesso, a saber em 1745 em frente de M. Duc de Richelieu que a recomendou para a corte, em 1747 sobre o teatro de ópera, e em 1761 perante a princesa de Conti. Esta mesma execução de qualquer pedaço

que eu tinha feito repetir em casa de M. Popelinere que M. Rameau que a ouviu lançou contra mim uma violenta raiva que não cessou as marcas até a sua morte

LES MUSES GALANTES

BALLET

PRÓLOGO

O teatro representa o monte Parnasso; Apolo aparece em seu trono e as musas estão sentadas ao redor dele

PRIMEIRA CENA

APOLO E AS MUSAS

Nasçam divinos espíritos, nasçam famosos heróis

Brilha para as artes, brilha para a vitória

Mereça ser admitido no templo da memória

Nós reservamos a sua glória

Um prêmio digno de seu trabalho

APOLO

Musas, filhas do céu, como vossa glória é pura!

Como vossos prazeres são doces

Os mais belos dons da natureza

São menos brilhantes do que aqueles que estão no céu

Sobre este tranqüilo monte longe do barulho e das armas

Inocentes prazeres vocês experimentam as doçuras

Nem a orgulhosa ambição, nem o amor, nem seus falsos charmes

Não fazem tremer perto do seu coração.

AS MUSAS

Não, Não , nem o amor, nem seus falsos charmes

Não tremerão nunca seus corações

**Ouve-se uma sinfonia brilhante e doce
alternativamente**

SEGUNDA CENA

A glória e o Amor descem da mesma carruagem

APOLO E AS MUSAS (A Glória e o Amor)

APOLO

O que eu vejo? Oh! Céu, devo acreditá-lo?

O Amor na carruagem da Glória.

A GLÓRIA

Que triste erro te seduz

Veja o Deus charmoso oculto sob seu império

Por ele o amante triunfa e o guerreiro suspira

Ele forma os heróis e sua voz os conduz

É preciso lhe conceder a vitória

Quando se quer ver brilhar na minha corte

Nada é tão querido quanto a glória

Que um grande coração querido pelo amor

APOLO

O que! Meus divinos louros de uma criança medrosa

Estão sobre a fronte audaciosa?

O AMOR

Você despreza o amor e prova sua cólera

Aos pés de um beleza severa

Vai formar inúteis votos

Que um exemplo brilhante mostre aos corações amorosos

Que só de mim depende o dom do prazer agradar

Que os talentos o espírito o ardor sincero

Não fazem aos amantes felizes.

APOLO

Céu! O objeto charmoso se retrai à minha alma

Que súbita paixão

Ele inspira aos meus sentidos

É o teu poder, amor que eu sinto

Ao menos aos meus suspiros nascentes

Daigne torna Daphné sensível.

O AMOR

Eu te torno feliz. Eu pretendo te punir

APOLO

Que! Sempre suspirar sem poder se curvar

Cruel! Como minha pena é terrível

O AMOR

É a vingança do Amor

AS MUSAS

Fujamos de um tirano pérfido

Acreditemos na nossa volta

A GLÓRIA

Por que este temor tímido?

Apolo reina entre vocês

Sofra que o amor aí preside

Sob os esforços mais doces

O AMOR

Ah! Como ele é doce, como ele é charmoso ao agradar!

É a arte o mais necessário

Ah! Como ele é doce, como ele é enganador
E sabe falar ao coração

As musas persuadidas pelo amor repetem estes quatro versos

O AMOR

Corramos, corramos jogos e risos, doces e sedutores das belas
Vós que tudo cede ao amor
Confirme meu triunfo e aposte neste dia
De Mirthes e de flores novas
Graças mais brilhantes
Que venham embelezar minha Corte

TERCEIRA CENA

O AMOR, AGLÓRIA, AS MUSAS, AS GRAÇAS A TRUPE DAS FESTAS E DO RISO

CORO

Corramos, corramos, nesta nova estadia
Suspire belezas rebeldes
Por nós tudo concede ao amor.

Dançam

GLÓRIA

Os ventos, as temíveis tempestades
Fazem horríveis destruições
O terror do marinheiro,
Amor, quando sua voz o guia
Vê-se o Alcyon tímido
Desafia a fúria das ondas.
Tuas divinas flamas
Das mais crentes almas

Podem fazer heróis

CORO

Glória, Amor, sobre os corações divididos, a vitória
Que o mito, no louro seja unido deste este dia
Que os cuidados prestados à glória
Sejam sempre pagos pelo amor.

O AMOR

Deixem, Musas, deixem o deserto por demais estéril
Venham os seus atrativos encantar o universo
Após Ter enfeitado milhares de lugares diferentes
Que o império de Lys seja seu asilo feliz
No meio das belas artes possa você brilhar
Com sua mais viva luz
Um reino glorioso te fará encontrar os amantes
Dignos de seu agrado e dos heróis a celebrar

HESÍODO- PRIMEIRA ENTRADA

O teatro representa um Boccage através do qual se vêem os lugares

PRIMEIRA CENA

EGLÉ, DORIS

DORIS

O amor vai vos oferecer a mais charmosa festa,
Já para disputar cada pastor se apronta
O Dom da sua mão ao vencedor é prometido
Do que Hesíodo se queixa, que infelicidade! Ele te adora
Mas os jogos de Apolo são artes que vos ignora
De seus suspiros carinhosos, ele vai perder o prêmio.

EGLÉ

Doris, eu amo Hesíodo mais do que se possa imaginar
E eu me ocupo da sua felicidade
Mas isso provando seus jogos e sua constância
Que eu tive que me assegurar, que ele merecia meu coração

DORIS

Nos seus envoltimentos poderia vós vos subtrair?

EGLÉ

Não sei, Doris, Falta fé.

DORIS

Como fazer um acordo entre suas festas e sua lei

EGLÉ

Você verá a partir desse dia tudo o que Eglé é capaz de fazer.

DORIS

Eglé, em nossos aldeias desconhecidas, estrangeiras

Goza de todos os corações um poder merecido,
Nada lhe deve ser impossível
Com o seguro invencível
Do espírito e da beleza

EGLÉ

Eu percebo Hesíodo:

DORIS

Suporte a tristeza
Que geme a desgraça de sua paixão

EGLÉ

Eu saberei dissipar a dor que a pressiona:
Mas que em alguns instantes nos escondem a seus olhos.

SEGUNDA CENA

HESÍODO

Eglé, indiferente minha ternura
Seduzida pelos cantos de meus felizes rivais
Seu coração é o prêmio, e somente nas aldeias
Eu ignoro os segredos da arte que ela coroa;
Eglé o sabe e me abandona!
Eu vou a perdê-la sem retorno.
Aos frívolos cantos pode-se somente ela dar
Um prêmio que somente é o mais perfeito amor?

Ouve-se uma doce sinfonia

Que doce harmonia aqui se faz ouvir?...
Ela convida ao descanso...Eu não posso mais defender-me...
Meus olhos pesados cheios tornam-se secos pelas lágrimas...
No seio do sono eu cedo às suas doçuras.

TERCEIRA CENA

EGLÉ, HESÍODO, ADORMECIDOS

ÉGLÉ

Iniciemos a felicidade deste Pastor fiel,
Sonhos; neste dia Euterpe vos chama
Acorrem para minha voz, falam ao meu amante.
Por vossas imagens sedutoras

Por vossas ilusões charmosas
Anunciam-lhe o destino que o espera

Entram os sonhos

UM SONHO

Sonhos sedutores
Quando de um coração miserável
Vossos cuidados suavizam as dores,
Doces erros,
De sorte impiedosa
Suspendeis por muito tempo os rigores;
Despertar, afastai-vos:
Ah! O sonho é doce!
Mas quando um sonho favorável
É pressagio de uma felicidade verdadeira,
Sonho, afastai-vos:
Ah! Que o despertar seja suave!

Os sonhos se retiram

ÉGLÉ

Tu por quem eu deixei minha irmãs e o Parnasso
Tu que o céu fez digno de meu amor
Terna Pastora, de um fingimento desgraçado
Não acredite no efeito deste dia,

Receba o dom dos versos. Que uma nova paixão te anime
Os poderes de Apollo sentem o efeito sublime
E por teus cantos divinos te elevam até aos céus
Ousa os celebrando te tornar igual aos Deuses.

Uma lira suspensa e um Louro se elevam ao lado de Hesíodo

Amor cujo os ardores incendiaram minha alma
Consinta animar meus dons de tua divina luz:
Nossos poderes de gênio excitam os esforços;
Mas os sucessos felizes são devidos aos teus poderes.

QUARTA CENA

HESÍODO

Onde eu estou? Que despertar? Que nova paixão me inspira?
Que novo dia brilha? Todos meus sentidos estão surpresos!...

Ouve-se uma lira.

Mas, qual prodígio surpreende meus espíritos?

Ele a toca, e ela traz os sons

Deuses! Que sons eclodem partindo desta lira!
De um sentimento desconhecido, eu provo o delírio!
Eu formo sem esforço os cantos harmoniosos!
Oh Lira! Oh querido presente dos Deuses!
Já por teu seguro eu falo sua língua.
O mais poderoso de todos excita minha coragem,
Eu reconheço o Amor aos poderes tão belos
E eu vou triunfar sobre meus ciumentos rivais.

QUINTA CENA

HESÍODO, TRUPE DE PASTORES

que se reúnem para a festa

CORO

Que tudo ressoe

Que tudo seja aplaudido
Por nossos cantos diversos.

Que o eco se una
Que Eglé seja tocada
Por nossos doces concertos
Doce esperança de sedução
Animai nossos jogos,
Apollo vai fazer
Um amante feliz:

Agradável vitória!
Triunfo encantador!
O amor e a glória
Seguem o vencedor.

Dançam, após o que Hesíodo se aproxima para disputar

CORO

Oh, pastor, deponha esta Lira inútil
Queira neste jogo disputar neste dia.

HESÍODO

Nada é impossível ao Amor
Eu não tenho feito da arte um estudo servil,
E minha voz indócil
Não está unida aos **maçaricos**
Mas no sucesso que eu espero
Eu espero tudo da chama que me ilumina
E nada de minhas fraquezas e trabalhos.

CORO

Cante Pastor temerário
Nós vamos admirar vossos novos prodígios

HESÍODO começa.

Bela paixão que consome minha alma
Inspira aos meus cantos vosso divino ardor:
Portai em meu espírito esta brilhante chama
Que consome meu coração

CORO, que interrompe Hesíodo

Sua lira apaga nossas musettes.
Ah! Nós estamos vencidos
Fujamos a nossos retiros.

SEXTA CENA

HESÍODO, EGLÉ

HESÍODO

Bela Eglé...Mas, Oh céu! Que charmes desconhecidos!...
Vós sois imortal e eu pude me enganar!
Vossos celestes encantos não tem me ensinado
Que só é permitido aos deuses suspirar por você ?
Que Infelicidade! A cada instante sem poder me defender
Meu muito culpado coração aumenta vossas cóleras.

EUTERPE

Teu temor ofende minha glória
Tu mereces o prêmio que prometeram meus discursos
Eu o dou à tua vitória,
E o dou aos teus sentimentos.

HESÍODO

O que, vós serias?... Oh Céu isto é possível?
Musa, vossos dons divinos preveniram minhas promessas
Devo eu esperar ainda que vossa alma sensível
Consinta amar um pastor e separar minhas paixões.

EUTERPE

A virtude dos mortais faz seu lugar entre os Deuses.
Uma alma pura, um coração terno e sincero
São os bens mais preciosos
E quando se sabe amar o melhor
Se é mais digno de prazer
(aos pastores) Acalmai vosso desprezo ciumento

Pastores, juntem-se:
Venham formar os mais alegres festas
Eu me agrado em vossos bosques eu amo vossas Musettes
Reconheceis Euterpe e celebrai suas paixões.

SÉTIMA CENA

EUTERPE, HESÍODO, OS PASTORES

CORO

Musa charmosa, Musa amável
Quem permite entre nós fixar vossas ternas promessas
Sejam-nos sempre favoráveis
Presidam sempre aos nossos jogos.

Dançam

DORIS

Deuses que governam a terra
Tudo responde à vossa voz
Deuses que lançam o trovão
Tudo obedece às vossas leis
De vossa glória ilumina
De vossa grandeza brilhante
Nossos corações não são ciumentos
Outros bens são feitos por nós
Unidos de um amor sincero
Um pastor, uma pastora
São menos felizes que vós?

OVÍDIO- SEGUNDA ENTRADA

O teatro representa os jardins de Ovídio à (THÔME)

E no fundo das montanhas, terríveis precipícios espalhados e cobertos de neve

PRIMEIRA CENA

Amor cruel, chama funesta!
É necessário ainda te abandonar minha alma?
Amor cruel, chama funesta!
A sorte de Ovídio é a de amar sempre?
Nestes lugares glaciais no fundo da **SCITHIE**,
Contra tuas paixões não há seguro?
Eu me consumo, infelicidade! Pela jovem Erithie:
Para mim, sem ela, não há mais belos dias
Cruel amor, etc.
Terminai metade da tua obra
Apresentai Erithie na sua vez
Aqui tudo termina sem amor,
E de seu coração ainda ele ignora o uso;

Estas flores e meus jardins cativam cada dia
E eu vou para as festas...É ela, oh! Doce presságio!
Eu me afasto do desgosto: mas logo sobre meus passos
Tudo vai falar a língua
Do Deus charmoso que ela não conhece.

SEGUNDA CENA

ERITHIE

Está, portanto feito; e em alguns momentos
Diane em seus altares receberá minhas promessas.
Jardins queridos, alegres paisagens
Que infelicidade! Para meus jogos inocentes
Vós não oferecis mais vossas sombras!
Pássaros, vossos sedutores cantos
Não seduzirão mais, portanto meus sentidos.
Vã fenda, grandeza importuna!
Feliz quem no obscurantismo
Não se submeteu à fortuna
Sua felicidade e sua liberdade!
Mas quais concertos se fazem ouvir?
Que espetáculo encantador vem aqui me surpreender?

TERCEIRA CENA

A estátua do amor se eleva no fundo do teatro, e toda os seguidores de Ovídio vêm formar
as danças e os cantos ao redor de Eurithie

CORO

Deusa charmosa, Deusa dos tenros corações
Reino eterno, lança tuas chamas.
Eh! Que bem adula nossas almas

Se ele não estende ternos ardores?

Cantemos; Não cessemos de celebrar estes charmes,
Porque ele ocupa todos os nossos momentos;
Esta Deusa não se serve dessas armas
A não ser para fazer a felicidade dos amantes

Dança-se

ERITHIE

Que doces concertos! Que festa agradável!
Eu encontro, seduzindo, esta nova língua!
Qual é portanto este Deus favorável?

Ela olha para a estátua

Que infelicidade! É uma criança! Mas que criança amável!
Por que este arco e esta faixa,
Este escudo, estas flechas esta tocha?

UM HOMEM DA FESTA

Esta fiel criança é o dono do mundo
A natureza se anima por sua chama fecunda
E o Universo sem ele pereceria conosco.
Reconheceis, bela Eurithie,
Um Deus faz para reinar sobre vós.
Ele quer da sua amável vida
Vos trazer os instantes legítimos.
Estendai os direitos legítimos
Dos mais poderosos imortais:
Todos os corações serão suas vítimas
Quando você servir em seu altar.

ERITHIE

Estas amáveis lições tem muito da arte do meu prazer
Mas, qual é portanto este Deus que me quer falar?

OVÍDIO

Desses mais doces segredos discreto depositário
A vós somente nesses lugares eu os devo revelar.

**QUARTA CENA
OVÍDIO, ERITHIE**

OVÍDIO

É um amável mistério
Quem desses bens charmosos tempera este prêmio:
Mais os sentiu
E melhor se sabe os calar.

ERITHIE

Eu ignoro ainda os bens tão doces,
Mas eu queimo de me instruir

OVÍDIO

Você o ignora? Você somente o acusa.
Já em meus olhares você terá devido a lira.

ERITHIE

Vossos olhares!...
Nesses olhos que veneno sedutor?
Deuses, que tumulto confuso se eleva em meu coração!

OVÍDIO

Tumulto sedutor, que minha alma separa
Você é a primeira veneração
Que a amável Erithie teria oferecido ao amor.

ERITHIE

O amor é portanto este Deus tão temível?

OVÍDIO

O amor é esse Deus favorável
Que meu coração inflamado vos anuncia nesse dia;
Aproveitemos as benesses que sua mão nos prepara:
Uníeis por seus vínculos

ERITHIE

Que infelicidade! Nós nos separamos! Do templo de Diana pratica-se o cuidado;
Toda pessoa de **Ithome** quer ser testemunha
E eu devo deste então...

OVÍDIO

Não, charmosa Erithie,
as pessoas mesmo de Scithie
Estão submetidas ao vencedor de quem nós seguimos as leis:
é necessário os atender, é necessário unir nossas vozes
São os corações que só o nosso amor toca
Se ele se explica ao mesmo tempo
Por vossas lágrimas e por minha boca.
Mas aproxima-se... vem-se... amor, se para tua glória
Em um exílio terrível é necessário passar meus dias
Meu incenso deve conservar menos a memória
A meus ternos acenos concordo teu socorro

QUINTA CENA

Ovídio, Erithie, Trupe de Sarmathes

CORO

Celebremos a glória brilhante
Da deusa das florestas: sem cuidado, sem pena, sem esperança
Nós sobreviveremos por suas benesses.
Celebremos a beleza sedutora
Quem vai servi-la desde já:
que sua mão por muito tempo a apresente
as oferendas desses sujeitos.

Dança-se

OS CHEFES DOS SARMATHES

Vem a bela Erithie

OVÍDIO

Ah! Dignai-vos me escutar
Duas ternas amantes diferem o suplício:
Ou, se você acha cruel esse sacrifício,
veja as lágrimas que você me vai custar

CORO

Não, ela está prometida a Diana
Nosso engajamento são as leis.
Quem pode ser suficientemente profano
Para privar os deuses de seus direitos?

OVÍDIO E ERITHIE

Os mais poderosos deuses nos corações estão separados,

Nosso amor é sua obra:
Os direitos são mais sagrados?
Por uma injusta violência
Os deuses não são honrados.
Ah! Se vossa indiferença
Desprezas nossas dores,
A este Deus que nos reúne
Nós juramos morrer juntos
Para não mais separar nossos corações

CORO

Que sentimento secreto vem atender nossas almas
Para esses amantes infortunados?
Pelo amor a um e a outro
Eles estão destinados,
Que o amor coroe suas chamas.

OVÍDIO

Você completa minha felicidade povo mais generoso
Que prêmio dessa benesse será a recompensa?
Poderíeis por meus cuidados por meu reconhecimento
Aprender a tornar-se feliz.
O amor vos chama
Escute sua voz;
Que tudo seja fiel
As suas doces leis
Os bens que usa
Faz a verdadeira felicidade
A mais doce partilha
É um terno coração

TERCEIRA ENTRADA – ANACREON

O teatro representa o estilo do templo de Juno a Samos.

PRIMEIRA CENA

POLYCRATE – ANACREON

ANACREON

As belezas de Samos aos pés da deusa
Por vossa ordem, hoje vão apresentar seus votos
Mas senhor, se eu creio a suspeita que me apressa
Sob o Zelo misterioso
Um cuidado mais doce vos interessa

POLYCRATE

Não se pode, sobre a ternura,
enganar os olhos de Anacreon
sim, a mais doce tendência me arrebatava
mas eu ignoro ao mesmo tempo a morada e o nome
do objeto que me prende.

ANACREON

Concebo o desvio;
Entre tantas belezas você espera conhecer
Aquele cujos atrativos fixaram vosso amor
Mas este amor enfim...

POLYCRATE

Um instante o faz nascer:
Este feito nos seus soberbos jogos
onde o meu feliz sucesso

é celebrado por tua lira.

ANACREON

Este dia me recorda, eu adivinho carinhoso
A jovem Themire

POLYCRATE

E que? De novo, novas paixões?

ANACREON

Aos belos olhos, meu coração cede:
Ele muda mesmo comodamente
O amor é sucedido pelo amor,
O gosto único do prazer reina constantemente,

POLYCRATE

Logo, uma doce vitória
Tu tens dúvida de escravizar seu (um outro) coração.

ANACREON

Este triunfo falta à minha glória
E este prazer à minha felicidade

POLYCRATE

Mas se vem... Que encantos! Ah! Os corações os mais sábios
Vendo tantos atrativos devem temer as espadas

ANACREON

Juno, neste bom dia as mais ternas oferendas
Não são aquelas que te serão oferecidas.

SEXTA CENA
POLYCRATE, ANACREON

Trupe de jovens Samiennes que vem trazer suas oferendas à deusa

LOUVOR A JUNO

Rainha dos Deuses, Mãe do Universo;

Tu por quem tudo respira

Quem completa este império

Destes bens os mais queridos,

Juno vê estas oferendas;

Nos corações que tu demandas

Vão para ti, os apresentar

Que tuas mãos benfeitoras

De nossas mãos inocentes

Dignem as aceitar.

Thémire portando um cesto de flores, entra no templo até colocá-las na cabeça dos jovens

Samiennes

POLYCRATE, percebendo Thémire.

Oh! Felicidade!

ANACREON

Oh! Prazer extremo!

POLYCRATE

Que atrativos sedutores! Que olhares encantadores!

ANACREON

Ah! Que com graça ela carrega essas flores!

POLYCRATE

Essas flores! Que dizeis vós? É a beleza que eu amo.

ANACREON

É Themire ela mesma.

POLYCRATE

Amigo por demais caro: Rival por demais perigoso,

Ah! Eu temo tuas receosas paixões!

De meu coração agitado, faz nascer o martírio.

Leva aos outros encantos teus volúveis desejos.

Deixa-me provar os prazeres

De querer sempre e de adorar Thémire

ANACREON

Se minha paixão fosse voluntária

Eu a sacrificaria naquele momento

Mas o amor em meu coração não é menos sincero

Por não ser sempre constante.

A glória e a grandeza à conveniência de vosso ciúme

Vos asseguram os mais belos dias

Mas que faria eu da vida

Sem os prazeres, sem os amores.

POLYCRATE

Eh! Que te servirá tua vã resistência?

Ingrato evite minha presença.

ANACREON

Você acalmará esta injusta cólera,
Ela é muito pouco digna de você

TERCEIRA CENA

POLYCRATE

Sentimentos ciumentos, tormentos que eu detesto,
Ah! É preciso me livrar de vossas tristes fúrias?
É necessário sempre que uma raiva funesta
Inspire com o Amor a cólera e seus horrores
Cruel amor teu fatal poder
Desune mais corações
Do que coloca inteligência.
Eu vejo Themire. O sentimento encantador

QUARTA CENA

POLYCRATE, THEMIRE

POLYCRATE

Themire, você vendo a resistência que é vã
Tudo cede aos vossos atraentes vencedores .
Feliz o amante em que os ternos ardores
Vos fareis separar a corrente
Que vós destes a todos os corações.

THEMIRE

Eu faço o suspiro, o desejo,
Os cuidados, os tormentos, as lágrimas:
Um prazer que custa as lágrimas

Para mim não terá jamais o charme.

POLYCRATE

É um tormento de nada amar.

É um tormento terrível de amar sem esperança:

Mas é um supremo bem

É de se amar a inteligência

THEMIRE

Não, Eu temo até as correntes conciliadas pelo Amor.

POLYCRATE

Ah! Conheceis ao menos os bens que ele vos prepara,

Vós deveis a Juno o resto deste dia

Amanhã uma ilustre conquista

Vos será prometida neste dia.

QUINTA CENA

THEMIRE

Ele me esconde a sua condição, eu me conformo ao meu redor

Polycrate me traz uma oferenda

Que completaria minha ambição:

Uma sorte mais doce me agrada por mais tempo

E meu coração em segredo quer Anacreon

Sobre as flores de uma asa leve

Vê-se esvoaçar os Zéfiro.

Como eles de um ardor passageiro

Eu me volto sobre os prazeres

De uma prisão terrível

Eu quero preservar meu coração

O Amor entretém como uma criança amável.
Eu temo como um fiel vencedor.

SEXTA CENA
ANACREON, THEMIRE

ANACREON

Bela Themire, enfim o Rei vos rende as armas;
A confissão de todos os corações autoriza a minha:
Se amor animasse vossos atrativos
Não lhe faltaria mais nada .

THEMIRE

Você me anuncia por esta indiferença
Quanto a escolha vos pareceria a mesma.
Quem vê sem pena um rival
Não está longe da inconstância.

ANACREON

Você faz da minha paixão uma cruel ofensa
Você a faz sobre toda a minha sinceridade
No Amor mesmo
Eu digo a verdade
E quando eu não amo mais, eu digo que não amo mais.

THEMIRE

Quando se sente um ardor extremo
Tem-se menos tranqüilidade.

ANACREON

Themire, julgai melhor minha fidelidade

Ah! Que um amante tenha a loucura
De amar, de odiar de um momento a outro:
Isto que ele dá ao ciúme
Eu o dou tudo ao Amor

THEMIRE

Eu temo o custo de ele se tornar terno demais
Não, o amor nos corações causa muitos tormentos.

ANACREON

Se o inverno desadorna nossos campos
Será que as flores os protegem?
Se ele é mau para os amantes
Será que é necessário o conquistar?
Sem a neve e as tempestades,
Sem os ventos e suas devastações
As flores nasceriam em todos os tempos.
Sem a indiferença do frio,
Sem a arrogante resistência
Todos os corações seriam contentes.

THEMIRE

Vós vos incomodais de serdes volúvel,
Se eu formo as amarras, eu quero que elas sejam constantes

ANACREON

O excesso do meu amor é uma mais digna oferenda
Que a fidelidade dos simples amantes;
Vale mais amar mais.
E não amar por tanto tempo.

THEMIRE

Não, nada pode prender um amante tão volúvel.

ANACREON

Não, nada pode pagar os sentimentos tão sedutores

THEMIRE

Você seduz antes de convencer,
Eu vejo o erro eu me deixo vencer
Ah! Enganei-me por muito tempo por estes ternos discursos,
Da ilusão que agrada deveria durar para sempre

ANACREON

É passando por vossa esperança
Que eu pretendo vos enganar a partir de então:
Você comove minha inconstância,
E não a prova jamais

JUNTOS

Unidos pelos mesmos desejos
Unamos minha sorte e a vossa
Sempre fiéis aos prazeres
Nós devemos estar um com o outro

SEXTA CENA

POLYCRATE, ANACREON, THEMIRE.

POLYCRATE

Fique, Anacreon, eu suspendo minha cólera
E quero muito um instante de igualar-te a mim mesmo.

Eu não abusarei de meu poder supremo,
Que Themire decida e escolha entre nós

À Themire

Diga quais são as amarras que sua alma prefere
Não hesite em nomeá-las
Eu juro confirmar
A escolha que você irá fazer.

THEMIRE

Eu conheço todo o prêmio da felicidade e do seu prazer
Se eu ousar me livrar; entretanto, neste dia,
Senhor, vós poderíeis crer
Que eu daria tudo à tua glória.
Eu quero tudo dar ao Amor.
Perdoai meu coração pela inclinação invencível.

POLYCRATE

É suficiente. Eu cedo neste momento.
Vão, fiquem unidos; Eu posso ser sensível;
Mas eu não esquecerei minha glória e meu discurso.

THEMIRE E ANACREON

Digno exemplo dos Reis, que o coração se equipara
Triunfe sozinho o sol coroando as paixões
Possa sempre o céu prever todas vossas promessas:
Que vosso reino amável
Por uma felicidade constante inesquecível
Eternize vossos dias felizes

POLYCRATE, à Anacreon

Começa-se a cumprir um tão atraente presságio.

Retorna em meu favor, não deixa meu coração.

Que a amizade ao menos me pague

As desgraças do Amor.

Que todos celebrem esta festa!

A felicidade de Anacreon vê satisfazer seus desejos.

Acudai, cantai vossas conquista

Como ele cantou vossos prazeres.

SÉTIMA CENA

POLYCRATE, ANACREON, THEMIRE, povo de Samos.

CORO

Que todos celebrem esta festa!

A felicidade de Anacreon vê satisfazer seus desejos.

Acudai, cantai vossas conquistas

Como ele cantou seus prazeres.

Dança-se

ANACREON, em alternância com o coro

Festas brilhem sem cessar;

Sem vossa ternura

Esmoreceria sempre.

Às mais ternas homenagens

Um doce gracejo

Presta socorro

Dança-se

Quando para agradar às belas

Vê-se em torno delas
Zombar do Amor,
Nos seu coração a flecha
É logo o mestre
E ri por sua vez.

FIM DO 3^o E ÚLTIMO ATO

ROUSSEAU, Jean- Jacques. Pygmalion. IN: **Oeuvres Completes Tome II**. Direção de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond. França. Dijon: Bibliothèque de la Pléiade. S/d. pp. 1224-1231.

PYGMALION

Cena Lírica

O teatro representa um atelier de escultura. Sobre os lados vêm-se blocos de mármore, os grupos, de estátuas esboçadas. No fundo, está uma outra estátua escondida sobre o pavilhão de um tecido leve e brilhante, ornado de franjas e guirlandas.

Pygmalion, sentado e apoiado (nos cotovelos), medita em atitude de um homem inquieto e triste; depois, se levantando, de repente, ele pega de uma tábua, os utensílios de sua arte, e vai dar, por intervalos, alguns golpes de tesoura sobre algum de seus esboços, recua-se e olha com um ar descontente e desencorajado.

PYGMALION

Não há, lá, alma nem vida; É só pedra. Eu não farei jamais nada de tudo aquilo lá.

O meu gênio, onde estás tu? Meu talento que te é devido?

Todo a minha chama se extingue, minha imaginação se congela, o mármore sai frio de minhas mãos.

Pygmalion, não faz os Deuses: Tu és somente um artista vulgar...Vis instrumentos que não são mais estes de minha glória, vais, não desonrai minhas mãos.

Ele lança com desprezo seus utensílios, depois passeia algum **tempo** meditando de braços cruzados.

O que eu me tornei? Aquela estranha revolução se fez em mim?...

TYR, **cidade** opulenta e soberba, os monumentos das artes que tu brilhas não me atraem mais, eu perdi o gosto que eu **tomo** a admirar: O comércio dos artistas e dos filósofos me tornam insípido. O entretenimento dos pintores e dos poetas está sem atrativos para mim. O elogio e a glória não elevam mais a minha alma; Os elogios daqueles que receberam a posteridade não me tocam mais; A amizade mesma perdeu para mim seus charmes.

E vós, jovens objetos, chefes de obra da natureza que minha arte ousa imitar, e sobre os passos dos quais os prazeres me atiram sem cessar, vós, meus charmosos modelos, que me incitam ao mesmo tempo as chamadas do amor e do gênio, desde que eu vos ultrapasse, vós me sois indiferente.

Ele se senta e contempla tudo ao redor dele.

Mantido neste atelier por uma atração invencível, eu não sei o que fazer, e eu não posso me afastar. Eu vagueio de grupo em grupo, de figura em figura, minha tesoura falível incerta não reconhece mais o seu guia: Estas obras grosseiras, permanecidas em seus tímidos esboços, não sentem a mão que outrora as animou.

Ele se levanta impetuosamente

Está feito, Está feito; Eu perdi meu gênio... Tão jovem ainda, eu sobrevivi ao meu talento.

Mas qual é portanto este ardor interno que me devora? O que há em mim que parece me abraçar ? O que! Na volúpia de um gênio apagado, sente-se essas emoções, sente-se esses impulsos de paixões impetuosas, essa inquietação insuperável, essa agitação secreta que me atormenta e que eu não posso desembaraçar a causa?

Eu temo que a admiração de minha própria obra não cause a distração que eu porto aos meus trabalhos. Eu o escondi sobre esta vela...minhas profanas mãos ousaram cobrir este monumento de sua glória. Desde que eu não a vi mais, eu estou mais triste, e não estou mais atento.

Que isto vai me ser caro, que isto vá me ser precioso, esta obra imortal. Quando meu espírito apagado não produzir mais nada grande, belo, digno de mim, eu mostrarei minha **Galathée**, e direi: Vamos minha obra! Oh minha Galathée! Quando eu tiver tudo perdido, tu me permanecerás e eu serei consolado.

Ele se aproxima do pavilhão, depois se retira, vai, vem, e pára algumas vezes à olhá-la e suspirando.

Mas porque escondê-la? O que é que eu ganho?

Reduzido à ociosidade dela, porque me arrebatou o prazer de contemplar a mais bela de minhas obras? ... Pode ser que lá permaneça algum defeito que eu não tenha observado; Pode ser que eu ainda possa acrescentar algum ornamento ao seu adereço; Alguma graça imaginável não deve faltar a um objeto tão atraente...Pode ser este objeto reanimará minha imaginação voluptuosa. É preciso revê-la, examiná-la de novo. O que eu disse? Eh! Eu não a examinei ainda: O que eu tenho feito até agora é apenas de admirá-la.

Ele vai para elevar a vela, e a deixa recaída **como assustada**.

Eu não sei qual emoção eu experimento, e, tocando esta vela; um terror me apreende; Eu creio tocar um santuário de alguma Divindade ... Pygmalion (a) ! É uma pedra; esta é tua obra. O que importa? Serve-se os Deuses nos templos que não são de uma outra matéria e que não foram feitos de uma outra mão.

Ele eleva a vela, tremendo, e se prosterne. Vê-se a estátua de Galathée pousada sobre um pedestal forte e pequeno, mais aumentado por um degrau de mármore formado de algumas bancadas de degraus(b) semicirculares.

O Galathée! Recebei minha homenagem. Sim, eu me enganei: Eu quis vos fazer Ninfa, e eu vos fiz Deusa: Vênus mesma é menos bela que vós.

Vaidade, fraqueza humana! Eu não posso me deixar de admirar minha obra, Eu me embriago de amor-próprio, eu me adoro nisto que eu fiz...Não jamais nada (c) de tão belo não pareceu na natureza; Eu ultrapassei a obra dos Deuses...

O que! Tantas belezas saem de minhas mãos? Minhas mãos, portanto os tocaram? Minha boca pôde, portanto...

Pygmalion! Eu vejo um defeito. Esta vestimenta cobre muito a nudez; É preciso chanfrar mais; Os atrativos que se recebe devem ser melhor anunciados.

Ele pega sua maleta e sua tesoura, depois avançando lentamente, ele mostra, hesitando, os degraus da estátua que ele parece não ousar tocar. Enfim, com a tesoura já levantada, ele pára.

Que tremor! Que perturbação! Eu tenho a tesoura de uma mão mal assegurada...Eu não posso...Eu não ousar... Eu estragarei tudo.

Ele se encoraja, e enfim, empunhando sua tesoura, dá um só golpe (d), e, tomado de temor, ele a deixa cair, e, soltando um grande grito.

Deuses, eu sinto a carne palpitante rejeitando a tesoura! ...

Ele retorna, tremendo e confuso.

...Vão terror, louca cegueira! ... Não, eu não a tocarei mais; Os Deuses me aterrorizam. Sem dúvida ela está já consagrada à posição deles.

Ele a olha de novo

O que podes tu transformar? Olha; quais novos atrativos podes tu, dá-la? ... Ah! É a perfeição que fez seu defeito ...Divina Galathée! Minha perfeição, Ela não te falta.

Tremendo.

Mas te falta uma alma: Tua figura não pode ultrapassar

Com mais sensibilidade ainda.

Que a alma feita para animar um tal corpo seja bela!

Ele pára por um longo tempo, depois retornando a sentar-se, ele diz de uma voz lenta e transformada.

Quais desejos eu ousou formar? Que desejos insensatos! O que é que eu sinto? ... O céu! A vela da ilusão cai, e eu não ousou ver em meu coração: Eu teria mais a me indignar.

Longa pausa em um profundo cansaço.

... Lá está, portanto, a nobre paixão que me desencaminha! É portanto para este objeto inanimado que eu ousou sair daqui! ... Um mármore, uma pedra! Uma massa disforme e dura, trabalhada com esta ferramenta! ... Insensato, volta em tu mesmo; gema sobre teu erro (a) ...veja tua loucura...

...Mas não...

Impetuosamente

Não, eu não perdi o sentido; não eu não ultrapassei nada, não eu não me censuro em nada. Isto não é mais do que um mármore morto(b) que eu fiz apaixonar, é com um ser vivo que se parece; É a figura que ele abre aos meus olhos. Em qualquer lugar que esteja esta figura adorável, qualquer corpo que a traga, e qualquer mão que a tenha feito, ela terá todos os desejos de meu coração. Sim, minha única loucura. É a de discernir a beleza, meu solitário crime é o de seu sensível. Não tem nada lá que eu deva me envergonhar.

Menos vivamente, mas sempre com paixão

Que flechas de fogo parecem sair deste objeto para abraçar meus sentidos, e retornar com minha alma à sua fonte! Que infelicidade! Ele se resta imóvel e frio, enquanto meu coração abraçado por seus charmes, quer deixar meu corpo para ir aquecer o seu (dele). Eu creio, neste meu delírio, poder me lançar fora de mim; eu creio poder me lhe dar minha vida, e animá-la de minha alma. Ah! Pygmalion morre para viver em Galathée! ...O que eu digo, oh Céu! Se eu me tornar ela, eu não a veria mais, eu não seria aquele que a ama! Não, que minha Galathée viva, e que eu não seja ela. Ah! Que eu seja sempre um outro, para querer, para querer ser ela, para vê-la, para amá-la, para por ela ser amado...

Emocionado

Tormentos, vozes, desejos, raiva, impotência, amor terrível, amor funesto...oh! Todo o inferno está neste meu coração agitado... Deuses poderosos! Deuses benfeitores! Deuses do povo, que conhecem as paixões dos homens! Ah! Vós tens feito tantos prodígios por menores causas! Vejai este objeto, vejai meu coração, sejai justos e merecei vossos altares!

Com um entusiasmo mais patético.

E tu, sublime essência que te esconde aos sentidos, e te faz sentir aos corações! Alma do universo, princípio de toda existência, tu que por amor dá a harmonia aos elementos, a vida à matéria, o sentimento aos corpos, e a forma a todos os seres; fogo sagrado! Celeste Vênus, por quem tudo se conserva e se reproduz sem cessar! Ah! Onde está teu equilíbrio? Onde está tua força expansiva? Onde está a lei da natureza no sentimento que eu experimento? Onde está teu calor vivificante na falta de vida(**inanité**) (b) de meus vãos desejos? Todos teus fogos estão concentrados em meu coração e o frio da morte resta sobre este mármore; Eu pereço pelo excesso de vida que lhe falta. Que infelicidade! Eu não espero um prodígio (c); Ele existe, ele deve cessar; A ordem está tumultuada, a natureza está ultrajada; Leva seu império às suas leis, restabelece seu curso benfeitor e derrama igualmente tua divina influência. Sim, dois seres faltam à plenitude das coisas. Separa deles este ardor devora a dor que consome um sem animar o outro. És tu

quem formastes, por minha mão, esses charmes e esses traços que não esperam que o sentimento e a vida...

Dar-lhe a metade da minha, dar-lhe tudo, se for necessário, ele me satisfará por viver nela. Oh tu que te dignas sorrir às homenagens dos mortais! Este que não sente (a) Não te venero. Estenda tua glória com tuas obras. Deuses da bondade, poupe essa afronta à natureza, que um tão perfeito modelo seja a imagem do que não é.

Ele volta à ela pelos degraus com um movimento seguro e de alegria.

Eu retomo meus sentidos. Que calma inesperada! Que coragem inesperada me reaviva! Uma febre mortal queima meu sangue: Um bálsamo de confiança e de esperança curta(b) em minhas veias: Eu creio me sentir renascer.

Assim, o sentimento de nossa dependência serve algumas vezes ao nosso consolo. Quaisquer infelizes que sejam os mortais, quando eles invocaram os Deuses, eles ficam mais tranqüilos...

Mas esta injusta confiança engana aqueles que fazem das vozes insanas...Que infelicidade! No estado onde eu estou, invoca-se tudo, e nada nos escuta. A esperança que nos abusa é mais insensata do que o desejo.

Envergonhado de tantos desvios, eu não ousa mais mesmo contemplar a causa. Quando eu quero levantar os olhos sobre o objeto fatal, eu sinto um novo tumulto, uma palpitação me sufoca, um secreto terror me detém ...

Ironia amarga

...Eh! Olhe, infeliz! Torne-se destemido, ousas fixar uma estátua .

Ele a vê se animar, desvia-se apreendido de temor e o coração apertado de dor.

O que eu vi? Deuses! O que eu acreditei ver ? O colorido das carnes... um fogo nos olhos... Os movimentos mesmos... Isto não é o suficiente de esperar prodígio; para cúmulo de miséria, enfim eu o vi ...

Excesso de opressão

Desafortunado! Está portanto, feito...Teu delírio delírio é seu último prazo. Tua razão te abandona do mesmo modo que teu gênio. Não lamenta não, oh Pygmalion(a). A sua perda te cobrirá de humilhação.

Viva indignação

Ele está bastante feliz pelo amante de uma pedra torná-lo um homem à visão.

Ele se volta e vê a estátua se mover e desce ela mesma os degraus pelos quais ele a montou sobre o pedestal(b). Ele se joga de joelhos, e se levanta (C) as mãos e os olhos ao céu.

Deuses imortais! Vênus! Galathée! Oh prestígio de um amor louco!

GALATHERE, se toca e diz (d)

Eu

PYGMALION, emocionado.

Eu!

GALATHERE, se tocando ainda.

Sou eu.

PYGMALION

Encantadora ilusão que passa até meus ouvidos, ah! Não me abandonem os meus sentidos.

GALATHERE, dá alguns passos e toca o mármore.

Este não sou mais eu.

Pygmalion, numa agitação(e), dentro das emoções que ele mal contém, segue todos os movimentos(f), a escuta, a observa com uma ávida (g) atenção que mal lhe permite respirar.

GALATHÉRE avança próximo dele e o olha.

Ele se levanta precipitadamente com êxtase. Ela coloca uma mão sobre ele; Ele estremece. Pega esta mão, a leva ao seu coração, depois a cobre de beijos ardentes.

GALATHERE com um suspiro.

Ah! Ainda eu.

PYGMALION

Sim, querido e charmoso objeto; sim, digna chefe de obra de minha mãos, de meu coração e dos Deuses...És tu, és tu somente: Eu te dei todo o meu ser; eu não viverei mais do que por ti.

VOLTAIRE, Jean Arouet et RAMEAU, Jean Phillipe. **Le Temple de la Gloire**. Disponível : <http://jp.rameau.free.fr/jpr-map.htm>. Acesso: Jun 2007.

O Templo da Glória

Libreto de Voltaire

Música de Rameau

Criada em 25 de novembro de 1745 em Versalhes, no teatro da Grande-Ecurie, para celebrar a vitória de Fontenoy.

Uma partitura da versão de Versalhes, que se acreditava perdida, foi descoberta na Music Library de Berkeley. Ela foi relida a partir de um exemplar do libreto editado pelas representações dadas à Versailles.

A peça foi reapresentada, alterada, pela academia real de música em 1746.

A versão em um prólogo e três atos:

- Prólogo A caverna de envio no fundo do templo da glória.
- Primeiro ato Bélus. O **Bocage** das musas. Percebe-se o Templo da Glória
- segundo ato: Bacchus. Mesmo lugar
- Terceiro ato: Trajan. Um lugar da vila de Artaxabe.

PERSONAGENS

Personagens que cantam

Em todos os coros

Lado do Rei

Oito mulheres e seis homens

Lado da Rainha

Oito mulheres e seis homens

Musettes (gaita de fole), oboés, baixos.

PRIMEIRO ATO

Personagens que cantam

A INVEJA

APOLLO

AS NOVE MUSAS

DEMONIOS da suite da inveja

SEMI-DEUSES E HERÓIS da suíte de Apollon

Personagens que dançam

OITO DEMÔNIOS

SETE HERÓIS

AS NOVE MUSAS

SEGUNDO ATO

Personagens que cantam

LÍDIE

ARSINE confidente de Lidie

CAMPONESES E CAMPONESAS(PASTORES E PASTORAS)

UM CAMPONÊS

UM OUTRO CAMPONÊS

BELUS

REIS CATIVOS E SOLDADOS da suíte de Belus

APOLO

AS NOVE MUSAS

Personagens que dançam

CAMPONESES E CAMPONESAS

TERCEIRO ATO

Personagens que cantam

O GRANDE SACERDOTE DA GLÓRIA
UMA SACERDOTISA
CORO DE SACERDOTES E SACERDOTISAS DA GLÓRIA
UM GUERREIRO, seguidor de Baco
UMA BACHANTE
ERIGONE
GUERREIROS, EGÍPCIOS, BACANTES E SÁTIROS DA SUÍTE DE BACO

Personagens que dançam

PRIMEIRO DIVERTIMENTO

CINCO SACERDOTISAS DA GLÓRIA
QUATRO HERÓIS

SEGUNDO DIVERTIMENTO

NOVE BACANTES
SEIS EGÍPCIOS
OITO SÁTIROS

QUARTO ATO

Personagens que cantam

PLATÃO
JUNE E FANI, confidentes de Platão
SACERDOTES DE MARTE E SACERDOTISAS DE VENUS
TRAJANO
GUERREIROS DA SUÍTE DE TRAJANO
ROMANOS E ROMANAS
A GLÓRIA
OS SEGUIDORES DA GLÓRIA

Personagens que dançam

Primeiro divertimento

QUATRO SACERDOTES DE MARTE

CINCO SACERDOTISAS DE MARTE

SEGUNDO DIVERTIMENTO

SEGUIDORES DA GLÓRIA, cinco homens e quatro mulheres

QUINTO ATO

Personagens que cantam

UM ROMANO

UM PASTOR (CAMPONÊS)

PASTORES E PASTORAS

UM ROMANO

JOVENS ROMANOS E ROMANAS

TODOS OS PERSONAGENS DO QUARTO ATO.

Personagens que dançam

ROMANOS E ROMANAS DE DIFERENTES ESTADOS

PRIMEIRA QUADRILHA

TRÊS HOMENS E DUAS MULHERES

SEGUNDA QUADRILHA

TRÊS HOMENS E DUAS MULHERES

TERCEIRA QUADRILHA

TRÊS MULHERES E DOIS HOMENS

QUARTA QUADRILHA

TRÊS MULHERES E DOIS HOMENS

LE TEMPLE DE LA GLOIRE

PRIMEIRO ATO

(O teatro representa a caverna da inveja. Vê-se através as aberturas da caverna uma parte do Templo da Glória, que está no fundo, e os berços das musas, que estão sobre as asas.)

A INVEJA E SEUS SEGUIDORES, uma tocha na mão.

A INVEJA

Profundos abismos do Ténare.

Noite terrível, eterna noite

Deuses do esquecimento

Esconda o dia que me brilha

Demônios, aportai-vos vossos socorros bárbaros

Contra o deus que me perseguem

As musas e a glória elevaram seu templo

Nestes pacíficos lugares

Que com horror eu os contemplo!

Que seu brilho nuble meus olhos!

Profundos abismos do Ténare.

Deuses do esquecimento

Esconda o dia que me brilha

SEGUNDO ATO

(O teatro representa a paisagem da musas. Em ambos os lados do teatro são formados as duas colinas do Parnasso; Os berços entrelaçados de louros e as flores reinam sobre a inclinação(simpatia) das colinas; embaixo estão as grutas perfuradas pelo dia, ornadas

como as berços, dentro dos daqueles estão os camponeses e camponesas (pastores e pastoras). O fundo é composto de três grandes berços como arquitetura)

LÍDIE, ARSINE, PASTORES E PASTORAS

LÍDIE

Sim, entre estes pastores e musas consagradas
Longe de um tirano soberbo e de um amante volúvel
Eu encontrarei a paz, eu acalmarei os trovões
Que perturba meus sentidos dilacerados

ARSINE

Nesses lugares pacíficos
As musas devem acalmar
Os corações puros, os corações sensíveis
Que a corte pode oprimir

Entretanto vosso chorar; vosso olhar em vão contempla
Estes bosques, estas ninfas, estes pastores
De seus tranqüilos lugares seguidores da felicidade exemplar

LÍDIE.

A glória tem próximo desses lugares feito elevar seu templo:
A vergonha habita em nossos corações.
A Glória neste dia mesmo, ao maior rei do mundo.
Deve dar as suas mãos um louro imortal:
Bélus vai a obter.

ARSINE

Vossa dor profunda
Terrível para este nome tão cruel.

LIDIE

Bélus vai triunfar da Ásia acorrentada;
Meu coração e meus estados são para a cólera dos vencidos
O ingrato me prometeria uma brilhante união;
Ele me enganava; ao menos ele não me engana mais
Ele me deixa. Eu morro e morro abandonada

ARSINE

Ele traiu vinte reis; Ele traiu vossos atrativos;
Ele só conhece um cego poder
Ele só conhecia um cego poder

LIDIE.

Mais no sentido da glória ele dirige seus passos:
Poderá ele sem corar sustentar minha presença?

ARSINE

Os tiranos não ruborizam.

LIDIE

O que! Tanta barbárie com tanta coragem!
O Musas! Sejam meu apoio;
Socorram-me contra mim mesmo;

Não permitam que eu ame
Um rei que só ama a ele.

(Os pastores e pastoras consagram as musas saindo dos antros do Parnasso, ao som dos instrumentos campestres.)

LIDIE, às pastoras

Venham, ternas pastoras, vocês que lamentam minha lágrimas

TERCEIRO ATO

(O teatro representa uma avenida e a fachada do templo da Glória. O trono que a Glória preparou para aquele que ela deve nomear o maior dos homens é visto no fundo do teatro: Ele está suportado pelas Virtudes, e é atingido através de diversos degraus.)

O GRANDE SACERDOTE DA GLÓRIA,

coroado de louros, bate palmas, rodeado de sacerdotes e sacerdotisas da Glória.

UMA SACERDOTISA

Glória encantadora,
Soberba Mestra(e)
Dos reis, vencedores;
A ardente juventude

A fria vigília,
Intrigam teus favores

O CORO

Glória encantadora etc.

A SACERDOTISA

Eu reclamo sabedoria
Creio ter rompido
Tua nobre escravidão
Ele abusou
É um amante desprezado
Seu despeito é uma homenagem

O GRANDE SACERDOTE

Deusa dos heróis, da verdadeira sabedoria, dos reis
Cada nobre(aristocrata) é fecundo

E as virtudes e os feitos.
Oh! Glória! É assim que tua poderosa voz
Deve nomear por uma justa escolha

O primeiro dos mestres do mundo
Venha, queira, socorra a todos

Julgue a paz, e destrua a guerra,
Você que doma, você que acalma a terra,
Nós vamos coroar os mais digno de vós.
(Dança dos heróis, com as sacerdotisas da glória.)

OS SEGUIDORES DE BACCHUS,

chegam com as bacchantes e as menades, coroadas de louros e bastão na mão.

UM GUERREIRO, seguindo Bacchus.

Bacchus é em todos os lugares, nosso guia invencível
Este herói orgulhoso e benfeitor
É sempre amável e terrível:
Prepara o prêmio que ele espera

UMA BACCHANTE E O CORO.

O deus dos prazeres vai aparecer;
Nós anunciamos nosso mestre
Suas doces fúrias
Devoram nossos corações.

(Durante este coro, os sacerdotes da Glória entram no templo, em que as portas se fecham)

O GUERREIRO

Os tigres acorrentados conduzem na terra

Erigone e Bacchus;

As vitórias, os vencedores

Marchando juntos misturados

Todos os deuses dos prazeres, todas os deuses da guerra, marcham juntos e unidos

(Ouve-se o barulho dos trompetes, dos oboés, e das flautas, alternadamente.)

A BACCHANTE.

Eu vejo a terna Volúpia

Sobre a carruagem sangrenta de Bellone:

Eu vejo o amor que coroa

O valor e a bondade.

(Bacchus e Erigone aparecem em uma carruagem puxada por tigres, rodeados de guerreiros, de bacantes, de egípcios e de sátiros.)

BACCHUS.

Erigone, objeto pleno de charme,

Objeto de meu brilhante ardor,

Eu não descobri nessas horrorosas armas

Este néctar dos humanos, necessário à felicidade

Para consolar e para enxugar as lágrimas;

Era para inflamar teu coração.

Banamos a razão das brilhantes festas:

Não, eu não a conheci jamais

Em meus prazeres em minhas conquistas

Não, Eu te adoro, e eu te detesto

Banamos a razão de nossas brilhantes festas

ERIGONE

Conserve de preferência para aumentar vossa paixão

Bana somente o barulho e a raiva

Se por você o mundo está feliz,

Eu vos amarei por mais tempo

BACCHUS

Os fracos sentimentos ofendem meu amor

Eu vejo que uma eterna embriagues

De glória, de nobreza, de prazeres de ternura,

Reina sobre meus sentidos a cada dia

ERIGONE

Você alarma meu coração; Ele estremece de se trazer

De vossa cólera, ele está espantado

Ele seria melhor exaltado

Se a vossa fosse mais terna

BACCHUS

Afasta meus sentimentos divinos;

Sobre minha carruagem de vitória, no meio da indulgência

Traga o céu ciumento; acorrente os humanos:

Um deus mais forte que eu nos arrebatava e nos apressa.

Que o bastão (cetro) reine sempre

Nos prazeres e na guerra;

Que tem lugar o trovão

E as flechas do amor.

O CORO

Que o bastão (cetro) reine sempre

Nos prazeres e na guerra;
Que tem lugar o trovão
E as flechas do amor.

ERIGONE

Qual deus de minha alma se apodera!
Qual desordem impetuosa!
Ele tumultua meu coração ele o desencaminha:
O amor somente traria mais felicidade.

BACCHUS.

Mas qual é nesses lugares o templo solitário.
A quais deuses está ele consagrado?
Eu sou o vencedor, Eu soube vosso prazer::
Se Bacchus conhecesse, Bacchus teria adorado

UM DOS SEGUIDORES DE BACCHUS

A Glória está nesses lugares que somente deus se adora;
Ela deve hoje situar sobre os altares
O mais augusto dos mortais.
O vencedor benfeitor dos povos da aurora
Terá as honras solenes

ERIGONE

Uma tão brilhante homenagem
Não se recusa.
O amor somente me guiaria sobre estas margens felizes;

Mas não se pode rodear seus passos
Quando a Glória dá passagem.

(JUNTOS)

A glória é um vão equívoco;
Mas convosco, é uma felicidade suprema:
É você que eu amo
É você que preenche meu coração.

BACCHUS.

O Templo se abre,
A Glória se descobre.
O objeto de meu ardor será coroado;
Siga-me

(O templo da glória aparece aberto.)

O GRANDE SACERDOTE DA GLÓRIA.

Temerária parado;
Este loureiro seria profanado
Se ele tivesse coroado a cabeça.

Bacchus, que se celebre em teus lugares,
Não tem aqui a preferência;
Ele é uma vasta distância
Entram os nomes conhecidos e os nomes gloriosos

ERIGONE.

Eh que! Seus presentes a Glória está avara
Pelos seus brilhantes favores?

BACCHUS.

Eu derramei as benesses sobre o universo submisso.
Para quem são estes louros que vossa mão prepara?

O GRANDE SACERDOTE

Pelas virtudes de um alto preço
Contente-se, Bacchus de reinar em vossas festas,
De inundar todos os males que vossa fúria fez.
Deixe-nos coroar as mais belas conquistas
E o maior benfeito.

BACCHUS

Povo vão, povo orgulhoso(imponente), filho da tristeza,
Você não merece os dons tão preciosos
Bacchus vos abandona à fria sabedoria;

Ele não saberia vos punir melhor.
Queirai; Segui-me, grupo amável,
Venham embelezar os outros lugares,
Pela mão dos prazeres, dos amores e das festas,

Despeje o néctar detestável,
Vencedor dos mortais e dos deuses;
Voe; Siga-me, grupo amado
Venham embelezar os outros lugares,

BACCHUS E ERIGONE.

Percorramos a terra,
Ao grado de nossos desejos
Do templo da Guerra
Ao templo dos Prazeres

(*Dança-se*)

UMA BACCHANTE com o coro.

Bacchus, orgulhoso e doce vencedor,
Conduza meus passos, reina em meu coração
A Glória promete a felicidade
E é Bacchus que nos dá.
Razão, tu não estás enganado,
Minha alma a tu se entrega.
Bacchus, orgulhoso e doce vencedor, etc.

FIM DO TERCEIRO ATO

QUARTO ATO

(O teatro representa a cidade d' Artaxate um pouco arruinada, no meio daquela há um lugar público ornado de arcos do triunfo repletos de troféus)

PLAUTINE, JUNIR, FANIE

PLAUTINE.

Regresse, divino Trajano, vencedor doce e terrível;
O mundo é meu rival, todos os corações são teus:
Mas é um coração mais sensível
E quem te adora mais do que eu?
As PARTHES caíram sobre tua mão fulminante;

Você puni, você vingou os reis,
Roma está feliz e triunfante;
Tuas benfeitorias passam tuas façanhas

Regresse, divino Trajano, vencedor doce e terrível;
O mundo é meu rival, todos os corações são teus:
Mas é um coração mais sensível
E quem te adora mais do que eu?

FANIE.

Nestes lugares bárbaros, no seio da Arménia,
Ousa você afrontar os horrores dos combates?

PLAUTINE.

Nós estamos protegidos pelo poderoso gênio
E o amor conduz meus passos

JUNIE.

A Europa reverá seu vencedor e seu mestre;
Sobre esses arcos triunfantes disse-se que ele vai aparecer.

PLAUTINE.

Eles subiram por minhas mãos
Qual doce prazer sucede à minha dor profunda!
Nós vamos contemplar nesse mestre do mundo
O mais amável dos humanos.

Nossos soldados triunfantes, enriquecem, plenos de glória
Fazem querer seu nome até aos céus

FANIE.

Ele se esconde em seus cantos de vitória;
Só, sem pompa, e sem seguidores, ele vem ornar esses lugares.

PLAUTINE.

É necessário a esses heróis vulgares
A pompa e a luz das homenagens;
Estes vãos apoios são necessários
Para as vãs grandezas.
Trajano, só é seguido de sua glória imortal;

Crê-se ver perto de seu universo de joelhos;

E é por mim que ele vem! Este herói me é fiel!
Grandes deuses! Você habitam nessa alma tão bela,
E eu a afasto com você!

TRAJANO, PLAUTINE, JUNTOS

PLAUTINE, fluindo diante de Trajano.

Enfim, Eu vos revejo; O charme de minha vida
Me entrego para sempre.

TRAJANO

O céu me vende caro seus bens
Minha felicidade é encantadora
Eu revejo um momento para me arrancar para você
Para me animar de uma nova virtude
Para merecer, quando Marte me chama,
De ser imperador de Roma e de ser vossa esposa.

PLAUTINE

O que você diz? Qual palavra funesta!
Um momento, você, oh! Céu! Um só momento me resta,
Quando meus dias dependem de vos rever sempre

TRAJAN

O céu em todos os tempos me pede seu socorro
Ele me traz logo aos atrativos que eu adoro.
É para você que ele faz meu coração.
Eu vos vi e eu serei vencedor.

PLAUTINE

O que! Você não é? O que? Seria ele ainda
Um rei que vossa mão não teria desarmado?
Tudo não está submetido por do sol à aurora?
O universo não está calmo?

TRAJAN.

Ousa-se me trair.

PLAUTINE.

Não, eu não posso acreditar;
Não se pode vos esquecer da fé.

TRAJAN.

As Parthes aterradas o inexorável rei
Se irrita de sua queda, e enfrenta minha vitória.
Cinco reis que ele seduziu estão armados contra mim;
Eles ligam o artifício aos excessos da raiva;

Eles estão aos pés desses muralhas;
Mas eu tenho para mim todos os deuses, os Romanos, minha coragem,
E meu amor e vossos olhares

PLAUTINE

Meus olhares vos seguirão. Eu quero que sobre a minha cabeça
O céu esgota sua cólera.
Eu não vos deixo: eu enfrentarei seus golpes
Eu separarei a morte que vos apronta.

Perecerei ao menos perto de você.

TRAJAN.

Ah! Não me oprima, meu coração é muito sensível ;

Ah! Deixa –me merecer.

Você me ama, é suficiente, nada é impossível,

Nada poderá me resistir;

PLAUTINE.

Cruel, pode você me deter?

Eu ouço já o ranger de um inimigo pérfido

TRAJAN.

Eu ouço a voz do dever que me guia;

Eu quero; fica: a vitória me segue.

Eu quero; Espera tudo de meu povo intrépido,

E o amor que me conduz.

(Juntos)

Eu vou/ vá punir um bárbaro

Aterra sobre meus/seus golpes

O inimigo que nos separa,

Que me arranca um momento de você.

PLAUTINE

Ele me abandona à minha dor imortal;

Caro amante, para: Ah! Rodeie os olhos,

Veja ainda os meus.

TRAJANO, no fundo do teatro.

Oh deuses, Oh justos deuses

Queira sobre o império e sobre ele!

PLAUTINE

Ele está já longe desses lugares
Dever, está tu contente? Eu morro, e eu te admiro.
Ministros do deus dos combates,
Sacerdotisas de Vênus, que querem sobre o império,

Atravesse o céu de **CRIS**, acompanhe meus passos;
SERCONDEZ o amor que me inspira.

CORO DOS SACERDOTES DE MARTE

Orgulhoso deus dos alarmes
Proteja nossas armas,
Conduza nossos estandartes.

CORO DAS SACERDOTISAS DE VÊNUS

Deusa da graça
Quer sobre seus traços
Unir o deus Marte.

(dançam)

CORO DAS SACERDOTISAS

Mãe de Roma e dos Amores pacíficos,
Venham todos ranger sobre a charmosa lei;
Venham coroar nossos romanos invencíveis;
Eles são todos nascidos para o amor e para tu

PLAUTINE.

Deuses poderosos, proteja vossa viva imagem!
Você fora outrora mortal como ele ;
É por Ter reinado como ele reina hoje
Que o céu é vossa separação (*dança-se*)

(Ouve-se um coro de Romanos que avançam lentamente sobre o teatro)

Charmosos heróis, quem poderá acreditar
Os feitos tão rápidos e grandes?
Tu te fez em pouco tempo
A mais durável memória

JUNIE.

Ouve você esses CRIS e estes cantos de vitória?

FANIE.

Trajano revivendo o vencedor.

PLAUTINE.

Podeis vós duvidar?
Eu vejo estes reis cativos, ornamentados de sua glória ;
Ele vem dos combates, ele vem os domar.

JUNIE.

Antes de os punir pelas suas leis legítimas,
Antes de mexer suas vítimas,
De joelhos ele quer os presentear

TRAJAN

*Aparece rodeado de águias romanas e feixe de luz; os reis vencidos estão todos
acorrentados e juntos.*

TRAJAN.

Reis que temem minha vingança.
Quem sensibilizam os confrontos aos vencidos destinados
Sejam doravante acorrentados
Para o único reconhecimento.

Plautine está em seus lugares; É preciso a sua presença
Que ele não seja infeliz
Os reis, se elevam, cantam com o Coro
Oh! Grandeza! Oh demência!
Vencedor igual aos deuses,
Você tem o poder.
Você perdoa como eles

PLAUTINE

Vossas virtudes passaram-me esperança mesma;
Meu coração está mais tocado que o dos reis

TRAJAN.

Ah! Se ele é a virtude neste coração que vos ama,
Você sabe a quem eu devo
Eu quis dos humanos merecer o sufrágio,
Enfrentar os reis, quebrar as espadas,
E vos portar minha homenagem
Com os desejos do universo
Céu! Que a eu vejo nesses lugares?

(A Glória desce de um vôo precipitado, com uma coroa de louros na mão)

A GLÓRIA

Tu vêes tua recompensa,
O prêmio dos teus feitos, sobretudo de tua loucura ;
Meu trono está aos teus pés; Teu reino comigo.

(O teatro muda, e representa o Templo da Glória)

Ela Continua:

Mais de um herói, mais de um grande rei,
Zelos em vão de sua memória
Voa sempre após a Glória.
E a glória voa após tu.

OS SEGUIDORES DA GLÓRIA, misturam-se aos Romanos e às Romanas formando as
danças.

UM ROMANO

Reine em paz após tanta tempestade
Triunfe nos corações satisfeitos.
A sorte preside aos combates, aos prejuízos;

A Glória está nas benesses
Trovão, descarte tu de nossas felizes devastações
Calma felicidade, reveja para sempre
Reine em paz etc.

CORO

O céu nos circunda
Celebremos sua escolha
Exemplifique os reis
delícias do mundo,
Vivamos sobre tuas leis.

JUNIE.

Terna Vênus, a quem Roma é submissa,
A nossos feitos juntam teus ternos atrativos;
Ordene à Marte encantado nos teus braços

Que para Trajano seu favor se eternize

O CORO

O céu nos circula.
Celebremos sua escolha:
Exemplo de reis
Delícias do mundo
Vivamos sobre tuas leis.

TRAJAN

As honras brilhantes são mais para minha separação
Deuses que eu provo o favor
Deuses de meu povo, acaba vossa obra ;
Transforme este templo augusto naquele de felicidade;
Que ele serve para sempre ás festas
As fortunas humanas;
Que dura tanto quanto as conquistas
E que a glória dos Romanos

A GLÓRIA

Os deuses não refutam
Ao herói que ele parece :
VOE, prazeres que sua virtude junta;
O templo da felicidade

Fim do quarto ato

QUINTO ATO

(O teatro muda e representa o Templo da felicidade; e formou os pavilhões de uma arquitetura leve, de colunas, de jardins, de fontes, etc. Este lugar delicioso está repleto e Romanos e de Romanas de todos os estados.)

CORO

Cantemos neste dia solene
E que a terra nos responda:
Um mortal, um único mortal
Fez a felicidade do mundo

(Dança-se)

UMA ROMANA.

Toda classe. Todo sexo, toda idade
Deve aspirar a felicidade.

O CORO

Toda classe. Todo sexo, toda idade
Deve aspirar a felicidade.

A ROMANA

A (primavera) mocidade inconstante,
Estado pleno de ardor,
O outono mais sábio
Retiro. Grandioso,

Toda classe. Todo sexo, toda idade
Deve aspirar a felicidade.

O CORO

Toda classe. Todo Sexo, toda idade
Deve aspirar a felicidade.

(Os pastores e as pastoras entram e dançam.)

UMA PASTORA

Aqui as mais brilhantes flores
Não escondem as violetas ;
Nossos estandartes e os báculo (episcopal)
Estão enfeitados com as mesmas cores.

Os cantos de nossos ternos pastores
Se misturam ao barulho dos trompetes;
O amor anima nesses retiros
Todos os olhares e todos os corações.

Aqui as mais brilhantes flores
Não escondem as violetas ;
Nossos estandartes e os báculo (episcopal)
Estão enfeitados com as mesmas cores.

(Os senhores e as damas romanas se juntam e dançam com os pastores e pastoras)

UM ROMANO

Neste dia tão belo,
Ele não está com preocupação ;
Marte está sem armas
O amor sem faixa.

Neste dia tão belo, etc.

O ROMANO

A Glória e o Amor nesses lugares só tem as asas
Para voar em nossos braços.
A Glória aos inimigos apresentam nossos soldados
E o Amor os apresenta às belezas

O CORO

Neste dia tão belo,
Ele não está com preocupação ;
Marte está sem armas
O amor sem faixa.

(*Dança-se*)

Trajan aparece com Plautine e todos os Romanos se organizam ao redor dele.

CORO.

Tu que a Vitória
Coroa neste dia
Tua mais bela glória
Vem do terno Amor

TRAJAN

O povo de herói que me ama e que eu amo,
Você faz –me nobre
Eu quero reinar sobre vossos corações,

(*Mostrando Plautine*)

Subi ao alto do céu, encena que eu reconheça ;
Retorne próximo aos deuses, homenagens que eu atraio
Deuses, protejam sempre este formidável império.
Inspire sempre todos seus reis.

Subi ao alto do céu, encena que eu reconheça ;
Retorne próximo aos deuses, homenagens que eu atraio

(Todas os diferentes grupos recomeçam suas danças ao redor de Trajan e Plautine, e terminam a festa com um ballet generalizado)

Fim do templo da Glória

Rameau, Jean-Philippe. **As Índias Galantes**. Théâtre de Caen: Actes sud. (1983)

AS ÍNDIAS GALANTES

DE JEAN-PHILIPPE RAMEAU

Ópera-ballet em um prólogo e quatro atos

LIBRETO DE LUIS FUZELIER

(1736)

Jean-Philippe Rameau

O músico do Iluminismo (das luzes)

É em setembro de 1683 que Claudine Demartinecourt, esposa de Jean Rameau, mestre de capela de Dijon, deu a luz seu sétimo filho, Jean-Philippe, que é batizado em 25 de setembro na Igreja Saint-Etienne de Dijon. Sabe-se poucas coisas da juventude de Jean-Philippe, senão que ele foi enviado aos padres Jesuítas, aos quais seus pais o teriam confiado. Ele abandona, então, a idéia de entrar na magistratura para se dedicar plenamente à música. Aos dezoito anos, Jean Philippe Rameau deixa Dijon pela Itália, a fim de estudar os mestres, mas ele não passa de Milão e sua estada não dura um mês, uma vez que sabe-se que o rendimento na França em 1702 era igual ao de um violinista de uma trupe de saltimbancos milaneses. Neste ano, lá, ele torna-se organista temporário da Catedral de Avignon, pois ganha Clermont-Ferrand onde ele é nomeado mestre de Capela da Catedral.. Assim, começa, e até 1722-1723, uma vida itinerária que efetua em Paris, Dijon (onde ele sucede a seu pai como mestre de Capela em Notre-Dame), Lyon e Clermont-Ferrand. É verdadeiramente no início de 1723, após ter escrito seu “Tratado de Harmonia”, que ele se instala definitivamente em Paris nesta Paris da Regência “ onde se fez tudo exceto penitência”. Para viver, ele escreve com o amável poeta Piron, como ele nativo de Dijon, os intermédios para vaudevilles dos teatros da feira.

Em 25 de fevereiro de 1726, Jean-Philippe Rameau casa-se com Marie-Louise Mangot que lhe dá quatro filhos. Madame Rameau seria, conforme Maret, a primeira biógrafa do compositor “ uma forte bela voz”.

Em 1732, Rameau, cuja reputação é a de um excelente teórico da música, é nomeado organista de Saint-Croix-de-la-Bretonnerie. Já, desde alguns anos, ele foi apresentado, por seu amigo Piron, ao financista Le Riche de La Poupinière. Figura importante apelidado de “ o financista **sorridente**” é um dos homens mais ricos da França e que se encontra no salão em que todo o reino conta como bons espíritos. É que no século XVIII, o meio das finanças é descoberto como uma vocação, o mecenato, como uma vocação cedo erigida como dever social. Sabe-se que os Rameau viveram na Pompliniere, primeiramente na Rua Neuve-des-Petits-Champs, em seguida na Rua de Richelieu, enfim no castelo de Passy. “ Rameau lá fazia “a chuva e os bons tempos” nota Rousseau cheio de

amargura. Ele encontra os pintores Carle Vanloo e Quentin de la Tour, os compositores Forqueray e Balbastre e tudo o que Paris considera como poetas, escritores e filósofos, em particular Diderot, Rousseau e todos aqueles que tornar-se-ão seus libretistas, Gautier de Mondorge para “As festas d’ Hébé, Ballot de Sauvot para Pygmalão, o excelente Marmontel para Acanthe et Cephise, la Guirlande, Lysis et Délie, Les Sybarites, sem esquecer Voltaire com quem elaborou um projeto de ópera religiosa sobre o tema “Sanson”, que não conduziu, mas que escreverá para Rameau os libretos de Princesse de Navarre e de Temple de la Gloire.

É igualmente na La Pouplinière que Rameau encontra o abade Pellegrin, o autor do libreto Jephthé de Montclair, que dá seu libreto para Hippolyte et Aricie, sua primeira tragédia lírica após Hippolyte d’Euripide et Phedre de Racine. Beneficiando de um excelente libreto, Rameau escreveu sua obra chefe: Hippolyte et Aricie e representada pela primeira vez na Pouplinière em abril de 1733 com os cantores e a orquestra do mecenas(financista) dirigida pelo compositor. Ao termo da primeira representação publicada na ópera em 1º de outubro de 1733, Campra teria dito ao príncipe de Conti: “Há nesta ópera música o bastante para fazer dez”. Este homem nos eclipsará todos...” A partir da primeira representação, no entanto, “Hippolyte e Aricie” desencadeia uma querela durável opondo os Lulistas, tendo a tradição, aos ramistas, defensores da música moderna. Fez-se um bom escândalo, Rameau sendo acusado de destruir o que Lully tinha levado tantos anos a edificar, uma ópera à francesa em que se acreditava imutável. A querela repercutiu a mais bela criação “ Castor e Pollux” em 24 de outubro de 1737, contribuindo ao fazer de Rameau o compositor ao modo dos melhores iluminados.

Entre 1733 e 1753, a atividade criativa de Rameau foi intensa. É durante este período (entre cinquenta e setenta anos!) que ele escreve suas obras mais célebres, em toda uma vintena de óperas, atos de ballets ou pastorais heróicas! Nestes anos de 1740, ele atinge o apogeu de sua glória: em 1745, La Princesse de Navarre” é apresentada em Versalhes para o casamento do Delphin, no mesmo ano, ele escreve “Temple de la Gloire” para celebrar a vitória de Fontenoy; durante a estação 1748-1749, a ópera dá seis de suas obras; seu nome figura nos discursos preliminares da Enciclopédia de Diderot e D’Alembert ao lado de Newton, Descartes e Voltaire! Para 1750, os lulistas assistem impotentes ao triunfo de Rameau, que o barão Grimm aluga além de toda medida, se

escrevendo a propósito de Pygmalion: “O autor dos monólogos deve ter sido aquecido por este fogo divino que chamamos de gênio.”

Mas os anos passam e Rameau se encontra a partir de 1752, no centro de uma nova querela estética desencadeada pela representação de *A Serva Padrona* de Pergolesi. A moda gira a Itália e entusiasma-se pela ópera bufa cuja amável facilidade **tranche** com as óperas de Rameau onde, se acreditava Rousseau. Entende-se melhores cantos simultâneos, que destróem a atenção **compartilhando**, porque é impossível aos ouvidos de se prestar ao mesmo tempo muitas melodias e que apaga a impressão da outra, isto somente resulta toda a confusão e barulho”. Os intelectuais que apoiaram Rameau contra Lully vinte anos antes, tomaram partido da música italiana contra a música francesa, isto é da música fácil contra a música **sábia(erudita)**, do sentimental contra o sentimento. “A música italiana dá prazer a todo homem que tem ouvidos; não é preciso mais preparação do que aquela” nota Grimm sem **rugir**.

A Pouplinière própria lança moda, que contribui a destacar Rameau. A ruptura consumou-se em novembro de 1753 quando o financista(empresário, mecenas) impôs sua nova mestre Madame de Saint-Aubin que pela seu autoritarismo e suas poucas maneiras, fez fugir todos aqueles que freqüentavam o salon de seu amante.

Pode-se mesurar quanto importante para Rameau o encontro com a Pomplinière, determinante, dado que é nele que ele encontra seu mais famoso libretista e tudo o que Paris então conta de celebridades, que ele compôs sem preocupação com o dinheiro e que ele fez repetir suas obras, dispondo de permanências de excelentes músicos. **Ele deixa a desejar** quem foi não somente seu protetor, mas também um amigo, aquele de seus mais belos anos. Rameau, doravante com a idade de 70 anos, se descobre velho dentro de um mundo que ele não compreende mais: A querela dos bufões o relega ao lado de Lully, entre as glórias passadas... Ele se entrega a compor mas o ritmo é menos intenso e o coração não o é mais: “ Meu amigo, disse ele a Cabano, eu tenho mais gosto do que anteriormente mas eu não tenho **mais o gênio do todo**.

Em 1760, a ópera *Les Paladins*, sua nova comédia lírica, será a última obra representada de sua vida. É que o triunfo do italianismo: **ao crepúsculo da monarquia, não há mais que por arietas fáceis a reter o que cantam os camponeses de qualidade**.

AS ÍNDIAS GALANTES

Personagens

PRÓLOGO

HEBE	Deusa lunar	Soprano
BELLONE	Deusa da guerra	Barítono
AMOR	Deus do amor	Soprano

PRIMEIRO ATO

OSMÁN	Rico turco	Baixo
EMÍLIA	Prisioneira de Osmán	Soprano
VALERE	Enamorado de Emília	Tenor

SEGUNDO ATO

HUÁSCAR	Sacerdote Inca	Baixo
PHANI	Princesa Inca	Soprano
DON CARLOS	Militar Espanhol	Tenor

TERCEIRO ATO

TACMAS	Mercador Persa	Tenor
ALÍ	Jovem Persa	Barítono
ZAÍRA	Jovem Persa	Soprano
FÁTIMA	Jovem Persa	Soprano

QUARTO ATO

ADARÍO	Cacique Índio	Barítono
DAMÓN	Militar Francês	Tenor
DON ÁLVARO	Militar Espanhol	Baixo
ZIMA	Jovem Índia	Soprano

A ação se desenvolve em diferentes países: Peru, Pérsia, Turquia, América... Em uma época indeterminada.

PRÓLOGO

O Teatro representa o palácio de Hebé ao fundo e seus jardins nos lados

ABERTURA

PRIMEIRA CENA

HEBÉ

Vós que **seguis** as leis de Hebé
 Venhai, juntai, socorrei à minha voz
 Cantai desde que a aurora
 Ilumine esta bela jornada:
 Começai com o dia
 Os brilhantes jogos de Terpsichore;
 Os doces instantes que vos dá o amor
 Vos são mais queridos ainda.

SEGUNDA CENA

Entrada das quatro nações

(Trupe de jovens franceses, espanhóis, italianos e poloneses, que correm e formam
 graciosas danças)

HEBÉ

Amantes do prazer
Sigai vosso ardor
Cantai vossa felicidade
Mas sem ofender ao mistério!
É por um tenro coração
Os bens cujo o segredo aumenta a doçura
Tocai que é preciso os calar
(ária grave para dois poloneses)

Primeiro Minueto

Segundo Minueto

HEBÉ

Musas, ressoai nesse bosque alegre
Concordai vos sobre a sombra
Ao murmúrio dos riachos
Acompanhai o doce **ramagem**
Dos ternos pássaros

CORO

Musas, ressoai nesse bosque alegre
Concordai vos sobre a sombra
Ao murmúrio dos riachos
Acompanhai o doce **ramagem**
Dos ternos pássaros
(Uma musa dança um rondó)
(Ruído de tambor que interrompe o ballet)

HEBÉ

O que eu vejo!
Os tambores tentando calar nossas musas?
É Bellone! Seus gritos excitam os heróis:
Que ela vai **derrubar** os súditos à (em) Pafhos!

Terceira Cena

(Bellone aparece ao barulho dos tambores e **trumpetes** que a precedem com guerreiros portando as bandeiras. Ela convida aos seguidores de Hebé à não amar **que** a glória)

BELLONE

(aos seguidores de Hebé)

A glória vos chama escutai suas **trombetas**
Apressai-vos, Armai-vos e se convertai em guerreiros!
Deixai este pacífico recinto!
Combatei, é tempo de colher os louros.

CORO

(Os guerreiros chamam os amantes das nações aliadas. Estes amantes se alinham perto de Bellone, e seguem aos estandartes)

A glória vos chama escutai suas **trombetas**
Apressai-vos, Armai-vos e se convertai em guerreiros!

(Ária para dois guerreiros portando bandeiras)

(Ária para os amantes que seguem Bellone)

CORO

Vós nos abandonais
Que pena mortal!
O que vai vir de nossos bons tempos!
Que pena mortal!

Escutai os amores
A glória nos chama,
Nós somente a escutaremos.

Quarta cena

HÉBE

Bellone os arrasta ...
Oh Tu, vencedor dos céus,
Vens provar teu poder supremo!
Ousa abandonar para seguir a outros deuses!
Filhos de Vênus, ah!
Quem poderá vingar-te melhor que tu **mesmo(a)**?

Quinta cena

*(O amor desce dos céus entre as nuvens; ele porta consigo flechas e está acompanhado de uma trupe de amores armados como ele, dos quais, uns levam **brandões** e os outros desabrocham (mostram) os estandartes galantes).*

(Anúncio do Amor)

HEBÉ

O amor aparece armado, quem sairá vitorioso!

O AMOR

Por que Marte declara guerra ao Amor?
Marte perde seus incensos quando me o oferece?

HEBÉ

(Para o amor)

Para substituir os corações roubados por Bellone
Filhos de Vênus, lançai vossas flechas as mais certas

Conduzi os prazeres até os lugares mais longínquos
Uma vez que a Europa os abandona!

O AMOR

(ao seu conjunto)

Acendei vossas tochas, enchai vossas (**lugares para guardar flechas**)

Ceifai, mereçai as mais belas palmas!

Amores, consigai, ao mesmo tempo,

Cem novas vitórias!

O horror segue o terrível Marte

Os jogos se divertem sobre vossos **traços**,

Partis, partis, vossos novos estandartes

São obras **das Graças**

(Ária para os amores)

HEBÉ, O AMOR

Cruzai os mais vastos mares,

Queirai, queirai, amores, queirai queirai!

Levai vossas armas e vossas lanças

Sobre as mais afastadas **margens(rivages)**!

Há um coração no universo que os possa resistir?

CORO

(*Os amores evoluem se envolvendo, enquanto o coro se dispersa longe da Europa para
diferentes lugares da Índia*)

Cruzai os mais vastos mares,

Queirai, queirai, amores, queirai queirai!

Levai vossas armas e vossas lanças

Sobre as mais afastadas **margens(rivages)**!

PRIMEIRA ENTRADA

O turco generoso

(O teatro representa os jardins de Osman que terminam no mar)

Primeira cena

EMÍLIA

(Entrando sozinha)

É Osman que me segue, não me esconderei mais!
Para frear sua paixão, lhe mostrarei a minha!

OSMAN

(Entrando, para Emília)

Buscarás sempre a sombra e o silêncio!

EMÍLIA

Eu gostaria de meus males ocultar a violência.

OSMAN

Céu, o que vejo!

EMÍLIA

Aprendeí meu destino cruel!

No lugar que é testemunha do meu nascimento
Eu me casei com um amante digno de minha fidelidade;
Sobre uma margem solitária começamos os jogos,(festas)

Quando os pérfidos raptoreis

Avançaram com a espada em mão

O terror, por um instante, fechou meus olhos tímidos,
Que só se abriram aos gritos dos corsários desumanos

Bientôt(logos) Prontos os ventos e o mesmo céu,

Cúmplices de seu crime, aleijaram suas naves,

E eu me vi cativa sobre as águas.
Perto do que eu aborreço e longe deste que eu amo.

OSMAN

Que se penteando (en peignant) vossos males

Vós redobrais meus males!
Dissipai vossas penas nesta margem feliz.

EMÍLIA

Contra meu raptor, obstinado em defender-me

Meu amante arriscou sua vida
Uma vez que, como prêmio de seu auxílio
Pôde um golpe fatal tê-lo forçado a descer
Da horrível obscuridade de uma tumba.
Meu coração ingrato de uma nova paixão
Se deixaria surpreender?

OSMAN

Ah! O que quereis dizer!
É muito me **acabar** por vossas lágrimas,
Acabai de entreter com inúteis dores !
É preciso que o amor desapareça,
Depois que se vê partir a esperança.
A constância sacrifica o coração quando
O desespero se converteu em dever.
Deixo-os bela Emília
Recordai que o nó que os ata
Vos causa, a cada dia, tormentos desnecessários
Amai a um ser que não verás mais.

Segunda cena

EMÍLIA

(Osman sai)

Que eu não verei mais, bárbaro! ...

O que me avisa (**pressage**) este discurso?

Ah! Se meu amante tivesse morto

Se meus olhos o tivessem perdido, meu coração o veria sempre.

(O céu se cobre de nuvens escuras, os ventos sopram e as ondas se elevam)

A noite cobre os céus!

Que funesta sorte!

Vasto império dos mares onde o horror triunfa,

Sois a terrível imagem

Que turba meu coração.

Os ventos impetuosos vos provam a raiva,

De um justo desespero, eu provo o furor.

CORO DE MARINHEIROS

(Fora de cena)

(A tempestade continua com a mesma violência)

Céu! Mais de uma morte nos redundam os golpes!

Seremos atingidos pelos fogos da **tornnerre**?

Sobre as ondas nós pereceremos.

Ao aspecto da terra?

EMÍLIA

Que esses gritos agitam os meus sentidos!

Eu mesma, eu me creio vítima da tormenta

(a tempestade diminui e a calma volta)

Mas o céu tem piedade da turbulência que eu sinto.
O céu, o justo céu aclama a onda e os ventos.
Eu sofro no **porto** os horrores do naufrágio.

CORO

(fora de cena)

Como escaparemos da fúria dos mares?
Se evitamos a morte cairemos cativos nas espadas.

EMÍLIA

Esses desafortunados vão separar **nos sofrimentos (peines)**
Nesta terrível morada.
Se são amantes, Ah! Que o amor
Vá redobrar o peso do horror de suas **correntes!**

Terceira Cena

EMÍLIA

Um desses desafortunados se aproxima suspirando!
Ah! Seu infortúnio é parecido com o meu.
Que confuso sentimento me surpreende?
Falemos com ele. Minha pátria é possivelmente a sua.

(abordando Valère)

Estrangeiro, eu me compadeço de você...
(reconhecendo-o)

Ah! Valère, sois vós!

VALÈRE

(vestido como escravo)

Sois vós, bela Emília!

EMÍLIA, VALÈRE

Eu vos revejo! Eu esqueço das minhas desgraças!
Do meu cruel destino eu não sinto mais os golpes.

EMÍLIA

Qual sorte te lança sobre esta margem...

VALÈRE

Deste o instante fatal que nos separamos, nestes lugares diversos meus suspiros tristes
Vos buscaram noite e dia...e eu vos encontro cativa.

EMÍLIA

E este não é ainda a minha mais cruel desgraça.

VALÈRE

Oh! Céus! Terminai (falai)

EMÍLIA

Não suspendei minha dor!
De vossa sorte dignai enfim me instruir!

VALÈRE

Um mestre que eu nunca vi
Neste palácio me conduziu.

EMÍLIA

Vosso mestre é o meu.

VALÈRE

Oh Feliz imprevisto!

EMÍLIA

Valère, aquele erro pode também vos seduzir!

Meu tirano me ama...

VALÈRE

Oh desespero!

Não, vós não sairás jamais de sua prisão!

O que! Valère vos encontrou

Que para vos perder sem retorno?

Nosso tirano vos ama!

EMÍLIA

E minha dor a prova

Eu não pedi esse triunfo ao amor

VALÈRE

Ah! Sabe vós amar neste fatal

Sobre as margens uma alma ardente

Divide suas promessas as mais doces

E vós mereceis ser amada

Por um coração que ama somente a vós.

Quarta cena

OSMAN

(*Entrando, a Valere*)

Escravo, eu venho entender-te

Teu crime me é conhecido!

VALÈRE

Eu não me arrependo

EMÍLIA

(*transtornada, a Osman*)

Senhor, és culpado? Ah!

OSMAN

(*A Emília*)

Vós acusai ao querer defendê-lo

Vós quereis em vão esconder vosso embaraço

E reter as lágrimas que eu vejo verter

Vós cedeis às inclinações

De vosso coração demasiadamente terno

Ah! Eu seguirei as leis do meu

Eu saberei me vingar também como devo

EMÍLIA

(*A Osman*)

Bárbaro!

VALÈRE

(*A Osman*)

Eu espero a sentença de tua cólera

EMÍLIA

(*Temerosa*)

Justo céu! Que momento!

OSMAN

(*Mostrando Emília a Valère*)

Valère, receba de mim, Emília e a liberdade

VALÈRE

(*alegremente a Osman*)

Que dizeis vós? ...

(*tristemente*)

Mas, não, Acaso será sincero?
Ele quer enganar vossos corações
É demasiada crueldade!

OSMAN

Oh céu! Que injustiça!
Como! Desconfiais de minha sinceridade?
Quando meu coração os oferece ao sacrifício
Que jamais tenha custado muito?
Mas eu lhe devo um reconhecimento

(*Assinalando Valère*)

Osman, fui seu escravo e se força hoje
De imitar sua magnificência,
Neste nobre sentimento, que eu estou longe dele.
Ele me condenou sem me conhecer.

VALÈRE

(*Abraçando-o*)

Meu querido Osman, sois vós

(*à Emília*)

Osman era meu dono.

OSMAN

Eu vos reconheci sem descobrir- me a vossos olhos
Eu fiz agir para vosso meu zelo e meu poder:
Estes barcos estão à vossa disposição.

(Os barcos de Valere avançam com os presente do pachá conduzidos por escravos africanos)

VALÈRE

(Surpreso)

O que vejo?

Estão carregados com vossos dotes preciosos!
Que benesses!

OSMAN

O melhor é Emília!

VALÈRE

Oh! Triunfo incrível! Oh sublime virtude!

EMÍLIA

(A Osman)

Nunca te esquecerei!

OSMAN

Consolai a um fatigado coração

(Ouvem-se os tambores dos marinheiros)

(com dor)

Vejo vossos marinheiros ...

Vai sobre vossas margens ...

Minha ordens são dadas ...

Vai, vivais felizes ...

Lembraí de Osman...

VALÈRE

(detendo-o)

Recebai nossas homenagens!

EMÍLIA

(A Osman)

Escutai...

(Indo)

Sofro demasiado...

Estou completamente perturbado ...

Por vós e por mim , eu devo me ausentar

(Osman sai)

Cena Quinta

EMÍLIA, VALÈRE

Queirai, Zéfiros, ternos amantes de Flora!

Se nos guiais, todos os nossos desejos serão completados.

Margens afortunadas dos império de Liz,

Ah! Nós vos reveremos ainda.

CORO

Queirai, Zéfiros, ternos amantes de Flora!

Se nos guiais, todos os nossos desejos serão completados

(ária para os escravos africanos)

VALÈRE

Apressai-vos a embarcar
Jovens corações queiram a Cythère!
Com essa frota temerosa, nunca se arrisca muito.

EMÍLIA

Que reine o Amor! Não temais as ondas!
Encontrareis sobre as ondas um doce repouso
Que sobre as cítaras de Mirthes
Não temais as orlas!
Elas levarão alegrias a vossas amáveis mães.

Primeiro Rigaudon

Segundo Rigaudon

EMÍLIA

Sumi ventos tormentosos!
Acalmai as orlas amorosas, Risos e jogos!
Charmosos prazeres, dá-nos sorte
Na terra como na mar!
Se ao deixar as margens,
A razão faz naufrágio,
Que Tétis neste belo dia,
Nos dê os melhores amores.

Primeiro tamborim

Segundo tamborim

EMÍLIA

Parti, pois ansiosamente da margem!
Ternos corações, embarcai!

CORO

Parti, pois ansiosamente da margem!

Ternos corações, embarcai!

EMÍLIA

Remai! Vencei os ventos e as tormentas!

Que a esperança nos guie a todos!

CORO

Parti, pois ansiosamente da margem!

Ternos corações, embarcai!

SEGUNDA ENTRADA

OS INCAS DO PERU

(O teatro representa um deserto do Peru, confrontado de um lado por uma montanha árida. O cume está coroado por uma boca de um vulcão formado por rochas calcárias e coberto de cinzas).

Primeira Cena

CARLOS

Devei banir de vossa alma
O erro criminoso que seduziu os Incas.
O tenhai prometido ao meu amor.
Por que trocaste-o?
Não, vós não me amais mais...

PHANI

Conheceis mal meu segredo!
Que injusta suposição!...
O que! Sem se inquietar, liberta ao mesmo tempo
Os lugares do sangue e das leis?
Desculpa-me a incerteza!

CARLOS

Num culto fatal, quem pode vos parar?

PHANI

Não criais, Carlos, que minha razão balance!
Mas temo a violência dos orgulhosos Incas...

CARLOS

Ah! Podei-vos os temer?

PHANI

Sobre estes montes os últimos refúgios

A festa do sol vai a todos reunir

CARLOS

Da confusão de nossas festas,

O que nós podemos aproveitar?

PHANI

Eles observam meus passos

CARLOS

Seus receios são inúteis,

Se vós me aceitais como esposo

PHANI

Parti, Carlos, aproveitai o momento favorável!

Libertai-me destes lugares detestáveis!

Mas não venha sozinho...Qual funesto desgraça!

Se vossa morte...

O povo é bárbaro e implacável,

E algumas vezes o número penaliza

O mais intrépido valoroso.

Céu!

CARLOS

Podeis vós estar alarmada?

Esquecei que nestes lugares

Um só de nossos soldados triunfaram sobre os guerreiros?

PHANI

Eu sei de vossas proezas gloriosas
E que à vossa coragem, isto não é impossível,
Entretanto, querido Carlos, obtenha ajuda!

CARLOS

O que temeis vós?

PHANI

Ah! Eu sou sensível;
Quando se ama se teme sempre.

Segunda Cena

PHANI

Venho, venho me unir ao vencedor que eu adoro!
Forme os nós, acorrenta-me!
Neste terno instante onde minha paixão te implora,
O amor mesmo não é mais amável do que tu.

Terceira Cena

HUASCAR

(à parte)

Ela está só...Falemos! O momento é favorável...
Mas eu temo de um rival o obstáculo irreduzível.
Falemos em nome dos Deuses
Para surpreender seu coração!
Tudo o que diz o amor é sempre perdoável,
E o céu que eu sirvo deve servir ao meu ardor.

(À Phani)

O Deus de nossos lugares neste bom dia me inspira,
Princesa, o sol cuida de vós,
E ele mesmo, de nosso império,
Ele pretende por minha voz vos nomear um esposo.
Vós estremecei... De onde vem que vosso coração suspira?
Obedecemos sem hesitar
Quando o céu comanda!
Não podemos mais nos demorar.
Em concordar com o que nos demanda;
Refletir é ofender?

PHANI

Não, Não, Eu não acredito em tudo o que se assegura
Atestando os céus;
É somente um impostor
Que fala em nome dos deuses.

HUASCAR

Pelos deuses e por mim, que injúria culpável!
Eu sei o que produziu a sua incredulidade,
É o amor! Em vossa alma é o único escutado!

PHANI

O amor! O que acreditais?

HUASCAR

Sim, vós amais, pérfida,
Um de nossos detestáveis vencedores.
Céu! Tu porás sempre tuas armas nas mãos deles?

PHANI

Duvidais, por acaso do Deus que os guia?

HUASCAR

É o ouro que com complacência
Sem jamais saciar-se os bárbaros devoram.
O ouro que ornamentam os nossos altares
É o único deus que os nossos tiranos adoram.

PHANI

Atrevido! O que dizeis!
Volteis a ver seu poder e acreditais em sua fúria
Para obter vossas homenagens,
Serão necessários novos milagres?
Vistes em nossas praias
As cidades deles flutuarem sobre nossas águas,
Vistes o horror da guerra
Seu invencível braço dispor o raio.

Quarta cena

(Vê-se um prelúdio que anuncia a festa do sol)

HUASCAR

(à parte)

Vem, já, Dissimulemos minha raiva ante os olhos deles.

(À um Inca que ele chama)

Vós conheceis meu projeto.

Vá, que ele se cumpra .

(à parte)

Eu não tenho mais um bárbaro artifício
Que de chama e de sangue inundará estes lugares
Mas o que não arrisca um amor furioso?

QUINTA CENA

*(Festa do sol, Huáscar, Phani, conduzida pelos Incas, Pallas e Incas, “sacrificadores”,
peruanos e peruanas)*

HUASCAR

Sol, destruiu-se tuas soberbas moradas,
E que somente fiques no templo de nossos corações
Dignas-te escutar-nos nesses desertos tranqüilos!
O cuidado é para os deuses a mais cara honra.

(Prelúdio para a adoração ao Sol. Os Pallas e os Incas fazem sua adoração ao sol.

HUASCAR

Brilhante Sol,
Jamais nossos olhos , em teu caminho
Viu cair as negras **brumas (neve, névoa)**
E tu derramas em nossa terra,
Tua mais ofuscante luz.

CORO

Brilhante Sol, jamais nossos olhos , em teu caminho
Viu cair as negras **brumas (neve, névoa)**
E tu derramas em nossa terra,
Tua mais ofuscante luz.

(Ária dos Incas para a devoção ao sol. Dança dos peruanos e das peruanas)

HUASCAR

Clara luz do mundo,
O ar, a terra e as ondas
Sentem teus benefícios
Clara luz do mundo,
O ar, a terra e as ondas
Devem a ti seus encantos.

CORO

Clara luz do mundo,
O ar, a terra e as ondas
Sentem teus benefícios
Clara luz do mundo,
O ar, a terra e as ondas
Devem a ti seus encantos.

HUASCAR

Por ti há abundância em nossos campos,
Nós não podemos contar os bens que nos faz
Cantamo-os somente! Que o eco nos responda!
Que teu nome em nossos bosques
Ressoe para sempre.
Tu deixas o universo em uma noite profunda
Quando tu desapareces
E nossos olhos perdendo tua luz fecunda,
Perdem todos os seus prazeres; a beleza perde seus encantos.

(Rondó)

HUASCAR

Permita, astro luminoso,
Que cantando vossos fogos,

Cantemos outras flamas.
Separai, astro luminoso,
O incenso de nossas almas
Com o terno amor.
O sol, guiando nossos passos
Derrama seus encantos
em nossos caminhos que ilumina.

Razão, quando apesar de tudo
O amor nos conduz por caminhos equivocados
Acaso o somos menos queridos?
Brilhai, astro do dia,
Vós encantais nossos olhos pela claridade de suas flamas!

Brilhais, o dia!

O astro de nossas almas
E o terno amor
De nossos bosques, obscurecei a tristeza
Reinai, sem cessar, em nossos corações!
A noite o cobre a sombra
Sobre vossos encantos não se vê jamais sua sombra
Todos os tempos, amáveis vencedores,
São marcados por vossos favores.

(Dança-se e a festa é interrompida por um tremor de terra)

Primeira gavotta

Segunda gavotta em Rondeau

(tremor de terra)

CORO

Nos abismos da terra,
Os ventos declaram guerra

(O ar se escurece, o tremor se repete, o vulcão se acende e joga turbilhões de fogo e fumaça)

CORO

As rochas em brasas se lançam pelos ares
E levam até o céu as chamas dos infernos.

(Peruanos cheio de pavor se dispersam. Huascar detém Phani. O tremor de terra parece acalmar-se)

SEXTA CENA

HUASCAR

(À Phani que atravessa o teatro fugindo)

Parai!

Por esses fogos o céu me informa
Que a seu decreto é preciso vos render

E à união

PHANI

O que vais ainda me revelar?
Oh dia funesto!
Devo creu que o céu zeloso de sua glória
Se explique aos humanos fazendo-os tremer?

HUASCAR

(Retendo-a)

Vós fugis quando os deuses se dignam de chamar-te!

E Bem! Cruel, eh bem! Vós ireis me conhecer.
Sigai o amor zeloso!

PHANI

(*Recuando*)

Teu crime por fim se manifesta!

HUASCAR

Quando se é mal, não se é correspondido
Ao menos seguindo-me evitareis a morte
Aqui eu vejo por toda a parte o horror da morte
Seguida de uma temível luz
Cada instante pode de vossa vida
Torna-se o último momento.

Sétima Cena

HUASCAR

(*à Phani*)

O que, mais que o perigo de meu amor vos surpreenda?
È muito me resistir...

PHANI

Oh céu, escuta minhas vozes!

HUASCAR

É às minhas que ele se entrega

CARLOS

(Chegando à Huascar ameaçando-o com a mão)

PHANI

Ah! Carlos, sinto calafrios
O sol, até o fundo dos antros os mais ocultos,
Vem iluminar a terra e sua fúria **pressagia**

CARLOS

Princesa, que erro!
É o céu que ela ultraja.
Este perigo incendiário
Do sol não é a **organização(ouvrage)**
Ele é aquilo de sua raiva.
Uma rocha jogada no horrível precipício
Revelando o ardor desses terríveis fogos
É suficiente para excitar um tão fatal estrago.
O pérfido esperava vos enganar neste dia
E que de vosso terror serviria à seu amor.
Sobre estes montes meus guerreiros punem seus cúmplices
Que vão encontrar nesses negros precipícios
A tumba digna deles.

(*à Huascar*)

Mas te és necessário os mais terríveis castigos.

(*à Phani*)

Concedei sua mão ao seu feliz rival.
Esse será seu castigo.

HUASCAR

Céu! Quanto rigor.

PHANI, CARLOS

O amor nos unirá para sempre

Não, não, nada se compara à minha felicidade
Ah! Meu coração tem bem merecido
A sorte de ter compartilhado do seu.

HUASCAR

Não, não, nada é comparável à minha raiva.
Eu testemunho a sua felicidade
É preciso que meu coração ofendido
Não possa ser vingado de um tão cruel ultraje?

Oitava cena

(O vulcão se reaviva e o temor de terra recomeça)

HUASCAR

A chama se reanima ainda,
Longe de as evitar eu as imploro
Abismos luminosos, Eu traí os altares,
Usai o emprego da erupção
Vingai os direitos dos imortais.
Desgarrai o seio da terra
Sob meus vacilantes passos
Derrubai, dispersai estas áridas montanhas,
Lançai vossos fogos nessas terras miseráveis,
Derramai sobre mim , rochas ardentes.

(O vulcão vomita rochas ígneas que deformam o criminoso Huascar)

TERCEIRA ENTRADA
AS FLORES. FESTA PERSA

(O teatro representa os jardins do palácio de Ali)

PRIMEIRA CENA

(Tacmas, príncipe persa, disfarçado de vendedora. Ali, preferido de Tacmas)

ALI

(à parte)

Minha chegada parece confundir-lhe...

(em voz alta)

Estrangeiro, aproximai-vos!

Portai-vos nesses lugares,

Dessas obras curiosas que imagina a Europa e que a Ásia admira!

TACMAS

(levantando o seu véu)

Teu príncipe disfarçado se apresenta aos teus olhos.

Em teus jardins o amor me atrai.

ALI

Qual afortunada beleza?

TACMAS

É a jovem Zaíra

Quem me feriu com uma flecha certa.

ALI

Zaíra, minha escrava?

TACMAS

Ela é minha soberana.

Ali, eu venho romper suas correntes;

Mas, que infelicidade! Não pretendo trair quem eu amo!

ALI

Senhor, Zaíra é bela,

Mas não a amo;

Eu respeitava vossas paixões sem as conhecer ainda.

Mas, o que vós dispois Fátima e seus encantos!

Não, nada é tão encantador quanto ela.

TACMAS

Querido Ali, eu a ignoro.

Fátima, aos meus olhos, não me representa nada.

ALI

(à parte)

Me é permitido enfim amar Fátima

E de lhe revelar os segredos de meus sentimentos.

TACMAS

Eu reservo a Zaíra uma honra legítima,

Eu igualarei sua glória ao excesso de minhas paixões.

O objeto a quem eu rendo as armas

Merece um destino glorioso: o amor guardava seus encantos,

Para instruir meu coração o preço de um amor constante.

ALI

Porque vós se disfarçais diante da amável Zaíra, quando lhe prometeis a mais perfeita
felicidade?

TACMAS

Eu quero penetrar no seu coração,
Antes que no meu seus bons olhos possam ler
O excesso de meu ardoroso ardor.

ALI

Nesse dia onde as flores nos celebram a festa,
de louros, os mais doces vós sereis coroados.

TACMAS

Eu vejo Zaíra. Vá!
Os jogos que se preparam embeleza
Se se pode, o instrumento dispor (ordenar) !

SEGUNDA CENA

TACMAS

(à parte)

Ela parece abandonada à alguma inquietação.
Escondamo-nos! Descubramos o que a faz sofrer!
Algumas vezes a solidão
Engaja um coração a se abrir.

(ele se esconde)

TERCEIRA CENA

ZAÍRA

Amor, amor, quando do destino eu provo o rigor,
O teu somente me faz verter lágrimas.
Minha fraqueza hoje aumenta a minha desgraça,
E entretanto, infelicidade!
Ele tem por mim os encantos.

QUARTA CENA

ZAÍRA

(sem ver Tacmas)

A quem Zaíra ousa amar.

TACMAS

(à parte)

Qual funesto segredo vem ela me mostrar?
Mas contraiamos um sentimento indiscreto!
O nome de meu rival resta ainda por descobrir.

(à Zaíra)

Bela escrava, eu venho vos oferecer meu socorro.

Vós amais...

A mim confiai vossas inquietudes!

ZAÍRA

Pode-se mar sendo uma escrava?

É um aumentar o rigor.

O prazer **sai** do coração

Que o destino ultraja

TACMAS

Deve-se amara na escravidão, pois assim se adoça o rigor (amenizar)

O prazer **consola** um coração que o destino ultraja.

ZAÍRA

Se sai estes vãos discursos!

TACMAS

(detendo-a)

Perdoai o meu zelo...

Esperai... concedei ao menos alguns momentos.

Para os quadros onde a arte reina!

(à parte, se observando)

Mostremos a ele meu retrato!

Nesses olhares encantadores

Eu poderei, sem dúvida ler seu sentimento

(á Zaíra, mostrando-lhe o retrato)

Veja esta pintura!

ZAÍRA

(desconcertada)

Ah! O que vós me mostrais?

(à parte)

Eu já vi muito.

TACMAS

(à parte)

Céu! Que terrível presságio!
Meu retrato parece despertar sua raiva...
Eu noto que seu coração suspira...
Experimenta algum desejo... um outro lhes inspira!
Quem pode ser o objeto de meus ciúmes!

QUINTA CENA

TACMAS

O que eu vejo? É o temerário.
Sua turbação revela um amante disfarçado.

(à Zaíra, que sai)

Zaíra, para onde fugis?

FÁTIMA

(disfarçada de escravo polonês , detém Tacmas)

Permaneça, estrangeira!
Vosso socorro me é necessário.
Os negareis a meus desejos?

SEXTA CENA

TACMAS

(à parte)

Suspendamos por um instante minha justíssima vingança
E para fixar seu castigo

Averiguamos até onde seus corações estavam confabulados

(à Fátima)

Fala-me sem rodeios

Conta-me para que eu vos possa ajudar com minhas artes!

FÁTIMA

Nestes jardins o amor me chama, pode-se resistir à sua voz?

O querido objeto que me tem sob suas leis

Ignora meu fiel ardor

Eu venho declarar-lhe a minha escolha.

Nestes jardins o amor me chama, pode-se resistir à sua voz?

O querido objeto que me tem sob suas leis.

Aliviai-me de minha pena cruel!

Infelicidade!

Para ceder ao perigoso amor

Eu arrisco perder o dia (vida).

Uma vez que esses bons lugares vós conheceis o dono,

Vós sabeis que um terno coração pode ser atraído!

TACMAS

(à parte em relação à Fátima)

Eu creio que de Zaíra, Ali não esteja apaixonado.

Ele é zeloso, logo ele se fará conhecer

Dos perigos que ele corre neste lugar

Ele não sabe o mais terrível...

Ele vê sem dúvida, um rival furioso,

Ele o faz confidente de seu coração mais sensível?

SÉTIMA CENA

TACMAS

(à Fátima)

Acabou, diga-me vosso nome!

(Fátima, hesitando)

Eu sou...

TACMAS

Vós duvidais!

ALI

(no fundo do teatro, em direção à Zaíra)

Venha, bela Zaíra!

Aproximai e cessai de **fluir** a mais brilhante glória!

De vossos divinos atrativos obtenhais a vitória!

TACMAS

(à Ali)

Observa tu mesmo, Ali, minha deplorável sorte!

Um rival até aqui me ofende.

(Tacmas mostra a Ali, Fátima, e tira seu punhal para golpear esta amante disfarçada)

Vê o pérfido em minha vingança!

FÁTIMA

(Reconhece o príncipe e se joga a seus pés)

É o príncipe! Golpeia-me! Eu mereço a morte;

Mas, ao me castigar, conheceis melhor o meu crime!

ALI

(Reconhecendo Fátima)

Oh! Céu! É a amável Fátima!

(à Tacmas)

Ah! Senhor!

TACMAS

(sorrindo para Ali)

Eu entendo sua emoção.

ALI

(à Tacmas)

Que a clemência vos desarme!

Eu vos conjuro em nome do objeto que vos atrai.

TACMAS

(à Zaíra)

Ao belo nome de Zaíra nada se resiste.

(levantando seu véu)

Mas me corresponderás?...

Poderá ela me ver sem que meu retrato a alarme?

ZAÍRA

(à Tacmas)

Que vós explicais mau a turbação de meu coração.

Quem não se alarma diante de seu conquistador?

Deveis vós os confundir

A meus sentidos agitados?

Uma turbação que vós excitais somente pode ser terna.

TACMAS

(à Zaíra)

Eu pretendo que a união vos confirme minha fé.

Não, nada deve restringir as paixões de minha alma.

ZAÍRA

Para justificar vossa paixão, senhor, eu procedo do sangue de um rei.

TACMAS

Eu não espero, amabilíssima princesa,

A confissão de vossa classe

Para acreditar em minha ternura

(á Fátima e Ali)

Eu quero que todos aqui sejam felizes como eu

Ali, eu te confio à Fátima

Teu disfarce expressa

o ardor que ela sente por ti.

FÁTIMA, ALI

Ah! Senhor, que momento!

Quanta felicidade eu vos devo.
Que os prazeres juntos um tão belo dia tragam!

TACMAS, ZAÍRA, FÁTIMA E ALI

Terno amor, que por nós tua união
Dure eternamente!

Prelúdio

Anúncio da festa das flores

TACMAS

(à Zaíra)

Venha...

Veja os jogos, aumentai seus atrativos!

OITAVA CENA

A FESTA DAS FLORES

(a cortina se abre, então todo o teatro representa os caramanchões iluminados, decorados de guirlandas e de potes de flores. Os músicos e os escravos que cantam são distribuídos pelos balcões e as folhagens. Amáveis odaliscas de diversas nações da Ásia portando em suas vestes as flores mais belas. Uma leva rosas como adorno. Outra junquinhos (tipo de flor); enfim todas se adornam com flores diferentes)

MARCHA

CORO

Neste seio de Tétis, precipitais vossos fogos.
Escapai, astro do dia, deixai reinar as sombras!

Noite, estende vossos véus sombrios!
Vossos tranqüilos momentos favorecem nossos jogos.

TACMAS

(à Zaíra)

O resplendor das rosas mais belas
Desaparecem cedo com elas;
Em vão sobre esta terra afortunada
A cada instante nascem outras,
Isto é menos ornado por seus atrativos que pelos vossos

ZAÍRA

Triunfai, agradáveis flores!
Espalhais vossos perfumes!
Reanimai vossas cores!

CORO

Triunfai, agradáveis flores!
Espalhais vossos perfumes!
Reanimai vossas cores!

ZAÍRA

É entre vós que o amor esconde seu verdor
Seus fogos, os mais ardentes, e suas mais amáveis flechas.
A primavera vos dá seus atrativos,
Vos parece a estação que adorna a natureza
Tenhai a posição suprema
Sobre a terra de nossos riachos;
E vos embelezais nesses dias os mais belos, a beleza mesma.

CORO

Triunfai, agradáveis flores!
Espalhais vossos perfumes!
Reanimai vossas cores!

Primeira ária para os persas

Segunda ária para os persas

FÁTIMA

Mariposa inconstante,
Voa nestes pequenos bosques. Páras tu,
Suspendas o curso
De tua flama voadora!

Jamais tão belas flores sob essa nascente sombra, mereceu fixar tanto amor.

Balé das flores

(Este balé representa pitorescamente a saída das flores de um jardim. São personificadas assim à Boreas, Deus do vento norte, os Aquilons e Zéfilos, para dar alma a este quadro galante, executado pelos amáveis escravos de um e de outro sexo. Inicialmente as flores escolhidas, que podem brilhar, dançam juntas e formam um quadro diferente a cada instante.

A rosa, sua rainha, baila sozinha. A festa é interrompida por uma tormenta que conduz Boreas; as flores se encolerizam. A rosa resiste durante mais tempo ao inimigo a persegue: os passos de Boreas experimentam sua impetuosidade e sua fúria; as atitudes da rosa expressam sua doçura e seus temores. Zéfiro chega com um novo resplendor. Ele reanima e levanta as flores abatida pela tempestade, culminando com o seu triunfo e com as homenagens que sua ternura oferece à rosa.)

Primeira ária para as flores

Segunda ária para as flores

Gavota em rondó

Tempestade

Ária para Boreal

Primeira ária para Zéfiro

Segunda ária para Zéfiro

Ária para as flores

Gavota

NOVA ENTRADA
OS SELVAGENS

(O teatro representa um bosque de uma floresta da América, vizinha das colônias francesas e espanholas onde se deve celebrar a cerimônia do Grande cachimbo da Paz)

PRIMEIRA CENA

(Adario comandando os guerreiros da nação selvagem. Ouve-se as fanfarras dos trompetes franceses).

ADARIO

Nossos guerreiros,
Por minha ordem **unis** aos nossos vencedores;
Vamos aqui a paz celebrar as doçuras;
Meu coração só nestes lugares encontra ainda os alarmes.
Eu vejo dois ilustres estrangeiros pelas armas;
Tomado do objeto de meus desejos
Eu temo que seus suspiros perigosos,
E que a sorte deles brilhem para Zima e tenha os atrativos.
Rivais de minha guerra, rivais de meus amores,
Ah! Devo eu sempre vos ceder a vitória?
Aparecei em nossos bosques
Para triunfar ao mesmo tempo
Sobre minha ternura e minha glória?

(Percebendo seus rivais)

Céu! Eles buscam Zima...
Ela gostaria de mudar?
Escondamos e averiguemos em que eu devo acreditar!
Saibamos se eu devo e sobre quem me vingar!

(*Ele se esconde na entrada da floresta e os observa*)

SEGUNDA CENA

ALVAR

Damon, alguma vã esperança
Sobre os passos de Zima vos ataca hoje?
Vós ultrajais o amor, e vos contaís sobre ele!
Acreditai seu favor o prêmio do inconstância?

DAMON

A inconstância não deve afetar
Mais do que os atrativos que abandonamos.
Não, O filho de Vênus não pode se ofender
Quando nós recebemos todas as flechas que eles nos dão
Um coração que muda a cada dia,
A cada dia faz conquistas novas conquistas
Os amantes fiéis fazem a glória das belas,
Mas os amantes leves(inconstantes) fazem a glória do amor.
Nestes lugares afortunados é assim que se pensa;
Da tirânica constância
Os corações não seguem as leis.

ALVAR

(*Percebendo Zima*)

Todas as ordens para mim...(Não creio)
É Zima que eu vejo

Terceira Cena

ALVAR

(*À Zima*)

Posso vos persuadir com minha perseverança?

DAMON

(À Zima)

Não largai de vossa indiferença ?

ZIMA

Ambos aspirais ao meu amor, mas deveis aprender

Que o amor reside nestes bosques.

Nós seguimos o lado inocente da natureza

E somente desejamos um amor sem artifício.

Nossa boca e nossos olhos ignoram a mentira

Debaixo deste deslumbrante verde,

Se aclara um suspiro e se escapa um olhar,

É do coração que nascem.

DAMON, ALVAR

Decidai por mim, eu obtenho vosso favor!

Ah! Que feliz instante!

ALVAR

A natureza que somente atira vossa homenagem

Nos diz que é preciso ser constante.

DAMON

Ela prova aos nossos olhos, que é preciso ser volúvel.

A terra os céus e os mares.

Nos oferecem sempre espetáculos diversos

Os mais belos dias são diferentes entre si

Somente é proibido aos nossos corações

Desfrutar dos prazeres

Que se derramam por toda a inconstância?

(À Zima)

Ah! Vossos sentimentos...

Nestes sábios lugares

A inconstância não é um crime.

ZIMA

Não, não vos esqueceis ou vós não sabeis

Naquele momento a inconstância

É para nós legítima

O coração muda ao seu capricho neste feliz lugar;

Entre nossos amantes é costume

De não forçar o amor;

Mas, desde que a união nos engaja,

O coração transforma mais neste feliz lugar.

ALVAR

(Mostrando Damon)

O habitante das praias da Sena

Nunca está menos

impedido que quando a união se acorrenta;

Faz-se uma honra de sua leveza;

E para a esposa mais bela,

Se envergonharia de ser fiel.

DAMON

(Mostrando Alvar)

Os esposos mais receosos habitam as praias do Tejo,

Lá mil belezas sofredoras

Recebam a harmonia das armas e não dos laços;

Nunca vereis ao redor desses cativos

Revolver os risos e os jogos.
Bela Zima, teme uma triste escravidão!

ALVAR

(à Zima)

Cedei, cedei enfim às minhas súplicas solícitas!

ZIMA

Eu não quero um esposo nem zeloso nem volúvel.

(ao espanhol)

Vós amais demasiadamente,

(ao francês)

E vós não amais o suficiente.

ALVAR

O que eu vejo?

QUARTA CENA

(Adario saindo com vivacidade da floresta, Zima, atraída por sua paixão, o cumprimenta)

ZIMA

É o amante que o meu coração prefere

ALVAR

(observando-os)

Vos atreveis pronunciar um decreto tão fatal!

ZIMA

Em nossos bosques somos sinceros.

ALVAR

(mostrando Adario)

Eu saberei como sacrificar um odioso rival

ADARIO

(com orgulho a Alvar)

Eu temeria teu amor,
Eu creio pouco em tua cólera.

ALVAR

(detendo-o)

É demais...

DAMON

(a Alvar)

Chega...

ALVAR

(surpreso)

Damon, o que vós penseis!
O que, é vós quem tomeis contra mim sua defesa?

DAMON

(a Alvar)

Eu protegi muito a inconstância
Para não me opor à injusta cólera
Que vos inspirou à perseverança

(ouve-se um prelúdio que anuncia a festa)

DAMON

Já nestes bosques ao redor se ouvem de nossos guerreiros
As ruidosas trombetas
Seus sons não assustam mais os amáveis recuos;
Os atrativos da paz marcam o retorno

(a Alvar)

De vossas tristes penas
Libertai neste belo dia
Compartilhai este prazer conosco

ALVAR

(Afastando-se)

Infelicidade! Eu vou procurar um infeliz amor.

DAMON

(Seguindo-o)

Venhai, de preferência, à divertir na festa.

QUINTA CENA

ADARIO

Eu não vou contar as paixões de meu coração,

Bela Zima, que os julgue o vosso!
Preenchendo minha alegria
Um ardor sem igual
Nos inflama a um e a outro.

ZIMA

Do amor, o mais terno, experimentais a doçura!
Eu vos dou a preferência.
Entre vós e os nossos rivais eu vejo a diferença:
Um se abandona ao furor
E outro perde meu coração com a indiferença.
Nós ignoramos esta calma e esta indiferença.
Sobre nossas terras o amor voa
E antecipa nossos desejos
Em nosso doce retiro
Ouve-se somente o murmúrio das ondas e dos ventos;
Jamais o eco repete as penas e nem os suspiros.

ADARIO

Venha, harmonia(união), sou o amor que te chama.

ZIMA, ADARIO

Harmonia(união), venhas nos unir com uma corrente eterna!
Venha ainda a paz embelezar os belos dias!
Venhas! Eu te prometo ser fiel.
Tu sabes nos unir e nos agraciar sempre.
Venhas! Eu te prometo ser fiel.

SEXTA CENA

ADARIO

(Aos selvagens)

Banamos os tristes alarmes!
Nossos vencedores nos devolvem a paz.
Repartamos os prazeres, não temamos mais suas armas!
Que em nossas tranqüilas terras somente o amor
Faça brilhar seus fogos e venha lançar suas flechas.

CORO DOS SELVAGENS

Banamos os tristes alarmes!
Nossos vencedores nos devolvem a paz.
Repartamos os prazeres, não temamos mais suas armas!
Que em nossas tranqüilas terras, somente o amor,
Faça brilhar seus fogos e venha lançar suas flechas.

(Dança da grande festa do cachimbo da paz executada pelos selvagens)

(Rondó)

ZIMA, ADARIO

Florestas pacíficas
Jamais um vão desejo turbou aqui nossos corações.
Se eles são sensíveis,
Fortuna, não é aos preço de seus favores

CORO DOS SELVAGENS

Florestas pacíficas
Jamais um vão desejo turbou aqui nossos corações.
Se eles são sensíveis,
Fortuna, não é ao preço de seus favores

ZIMA, ADARIO

Em nossas terras,

O orgulho não vem jamais
Oferecer os falsos atrativos!
Céu! Tu os teme feito pela inocência e pela paz,
Desfrutemos de nossa terra(morada)
Desfrutemos dos bens tranqüilos!
Ah! Pode-se ser feliz,
Quando se compõe de outras promessas?

Primeiro minueto para os Guerreiros e as Amazonas

Segundo minueto

Prelúdio

ZIMA

Reinai, prazeres e jogos!
Triunfai em nossos bosques!
Nós somente conhecemos vossas leis
Tudo o que é contrário à ternura
É ignorado por nossos sentimentos
A natureza que fez nossos corações
Toma cuidado em os guiar sem cessar.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)